



INSTITUTO  
UNIVERSITÁRIO  
DE LISBOA

---

Lisboa e o rio: A cidade – Reencontro com o Tejo

Vilma Nico Ferreira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Teresa Madeira da Silva Professora Auxiliar,  
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:

Mestre Arquiteta Caterina Francesca Di Giovanni,  
Cies-Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021





TECNOLOGIAS  
E ARQUITETURA

---

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Lisboa e o rio: A cidade – Reencontro com o Tejo

Vilma Nico Ferreira

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Doutora Teresa Madeira da Silva Professora Auxiliar,  
ISCTE- Instituto Universitário de Lisboa

Coorientadora:

Mestre Arquiteta Caterina Francesca Di Giovanni,  
Cies-Iscte, Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021



Este trabalho é realizado segundo o atual acordo ortográfico da língua portuguesa, obedecendo as normas de apresentação e harmonização gráfica, estabelecidas pela instituição de ensino, ISCTE-IUL. As referências são escritas de acordo com a norma portuguesa 405.



## **AGRADECIMENTOS**

Quero agradecer a todos aqueles que fizeram parte deste percurso nos últimos cinco anos, agradecer pelo apoio, confiança e motivação ao longo deste processo.

Com especial apreço aos meus orientadores, a professora Teresa Madeira da Silva, a Caterina Francesca Di Giovanni e o Pedro Marques Alves, pelo conhecimento transmitido, pela paciência, e por terem acreditado neste trabalho, e presenciado os seus obstáculos, mas também as suas conquistas.

Ao Nuno, pelo incentivo, apoio e motivação permanente, por acreditar e motivar-me a alcançar todos os meus objetivos.

Por fim, aos meus avós, que mesmo longe, têm a palavra reconfortante. A minha mãe e ao meu irmão Tiago, por todo o carinho e conselhos nas horas de dúvidas e incertezas. A vocês estarei sempre grata.



## RESUMO

As cidades crescem e definem-se maioritariamente a partir da água. O seu cariz geográfico revela-se, desde os primórdios, como uma das principais razões de permanência das populações num determinado lugar. Com a construção do porto industrial no final do século XIX, o semblante de Lisboa, tal como a sua relação com o rio, transformou-se. Passa então a ser indispensável, a reflexão sobre os espaços expectantes consequentes deste afastamento, enquanto lugares de oportunidades e novas dinâmicas.

Deste modo, tendo como análise do lugar o Aterro da Boavista, na frente Ribeirinha de Santos, que representa uma memória do que outrora foi a cidade portuária de Lisboa, e que atualmente se revela como zona por desenvolver, esta investigação procura dar resposta ao silêncio do abandono e do vazio que está inerente no lugar. Através de soluções regenerativas neste espaço urbano, a proposta arquitetónica perfaz a devolução da cidade ao rio, promovendo a cultura e as artes, e preservando uma dimensão pública e social da cidade.

**Palavras-chave:** Frente Ribeirinha | Tejo | Reconexão |  
Plataforma | Permeabilidade



## ABSTRACT

Cities grow and define themselves mostly from water. Its geographical nature reveals itself, from the beginning, as one of the main reasons for the permanence of populations in a certain place. With the construction of the industrial port at the end of the 19th century, the countenance of Lisbon, as well as its relationship with the river, changed. It then becomes indispensable to reflect on the expectant spaces resulting from this remoteness, as places of opportunities and new dynamics.

In this way, having as place analysis the Boavista Landfill, at Santos waterfront, which represents a memory of what once was the port of Lisbon, and that currently reveals itself as an undeveloped area, this research seeks to respond to the silence of abandonment and void that is inherent in the place, through regenerative solutions in this urban space. In which the architectural proposal makes the return of the city to the river, promoting arts and culture, and preserving a public and social dimension of the city.

**Keywords:** Riverfront | Tagus | Reconnection | Platform |  
Permeability



**ÍNDICE GERAL**

<b>AGRADECIMENTOS</b>	VII
<b>RESUMO</b>	IX
<b>ABSTRACT</b>	XI
<b>ÍNDICE GERAL</b>	XIII
<b>ÍNDICE DE IMAGENS</b>	XV
<b>INTRODUÇÃO</b>	23
<b>1 O LUGAR</b>	
LISBOA	30
<b>2 COMPONENTE DE GRUPO</b>	
FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA.	40
EDIFÍCIOS E ESPAÇOS PÚBLICOS CONTEMPORÂNEOS 1991-2021	
ZONA RIBEIRINHA DE LISBOA: ATLAS VISUAL INFINITO	46
<b>3 COMPONENTE INDIVIDUAL</b>	
CASOS DE ESTUDO	56
TEATRO DEL MONDO	58
CENTRO CULTURAL DE BELÉM	62
FACULDADE DE ARQUITETURA DE SÃO PAULO	66
O LOCAL: ATERRO DA BOAVISTA	70
CONTEXTO URBANO	74
CONCEITO E PROPOSTA	80
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	99
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	103
<b>ANEXOS</b>	
CAMPANHA “SALVAR O FUTURO”	107
WORKSHOP “FAZ – REFAZ – DESFAZ”	111



**ÍNDICE DE IMAGENS**

- 1.** Vista área sobre o Tejo entre a margem norte e a margem sul. Adaptado de Associação Porto de Lisboa, s.d. 26  
Fonte: [bit.ly/3mXa5y8](http://bit.ly/3mXa5y8)
- 2.** Conquista de Lisboa aos Mouros em 1147. Quadros da História de Portugal. Roque Gameiro, 1917. Fonte: [bit.ly/3lEDwpp](http://bit.ly/3lEDwpp) 31
- 3.** Vista do Paço Real da Ribeira em 1740. Pintura a óleo. s.d. Fonte: [bit.ly/30iGmYQ](http://bit.ly/30iGmYQ) 33
- 4.** Gravura durante o terramoto e maremoto de 1755. s.d. 33  
Fonte: [bit.ly/30iGmYQ](http://bit.ly/30iGmYQ)
- 5.** Plano de reconstrução de Lisboa de 1755-58 por Eugénio dos Santos, Carlos Mardel e Manuel da Maia. 34  
Fonte: [bit.ly/3p8DDMd](http://bit.ly/3p8DDMd)
- 6.** Embarcações, Terreiro do paço a poente, APL. s.d. 35  
FONTE: [bit.ly/2XdINe5](http://bit.ly/2XdINe5)
- 7.** Embarcações no porto de Lisboa, início do século XX. 35  
CML. José Chaves Cruz. Fonte: [bit.ly/2YPtcTO](http://bit.ly/2YPtcTO)
- 8.** Descarga de sal, doca do Poço do Bispo. Artur João Goulart em AML, 1960. Fonte: [bit.ly/3AC8D9i](http://bit.ly/3AC8D9i) 35
- 9.** Exposição do Mundo Português, Pavilhão de Lisboa pela noite, 1940. Fonte: [bit.ly/3r7Yi3J](http://bit.ly/3r7Yi3J) 36
- 10.** Exposição do Mundo Português, Pavilhão de Etnografia, 1940. Fonte: [bit.ly/3r7Yi3J](http://bit.ly/3r7Yi3J) 36

- 11.** Limite sobre as três zonas em estudo na frente ribeirinha de Lisboa na extensão de cerca de 20k, de poente a oriente. Realizado pela autora, 2021. 40
- 12.** Limite sobre a zona 1 referente a zona nascente, delimitada pela Fundação Champalimaud, Centro Cultural de Belém, Museu Nacional dos Coches e Museu de Arte Arquitetura e Tecnologia. Realizado pela autora, 2021. 41
- 13.** Limite sobre a zona 2 referente a zona centro, delimitada pela Sede EDP, Interface do Cais do Sodré, Ribeira das Naus, Campo das Cebolas, Doca da Marinha e Terminal de Cruzeiros de Lisboa. Realizado pela autora, 2021. 42
- 14.** Limite sobre a zona 3 referente a zona poente, delimitada pelo Prata Riverside Village, Parque Ribeirinho do Oriente, Pavilhão do Conhecimento, Pavilhão de Portugal e Jardim Garcia de Orta. Realizado pela autora, 2021. 42
- 15.** Composição de imagens referentes as 15 intervenções na investigação do *e-book* 1: Frente Ribeirinha de Lisboa. Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021. (Leitura por página, da esquerda para direita, de cima para baixo: Fundação Champalimaud, Centro Cultural de Belém, Museu Nacional dos Coches, Museu da Arte, Arquitetura e Tecnologia, Sede da EDP, Interface do Cais do Sodré, Ribeira das Naus, Campo das Cebolas, Doca da Marinha, Terminal de Cruzeiros de Lisboa, Prata Riverside Village, Parque Ribeirinho do Oriente, Pavilhão do Conhecimento, Pavilhão de Portugal, Jardim Garcia de Horta), 2021. Fonte: [bit.ly/3FGdkCL](https://bit.ly/3FGdkCL) 44

- 16.**Detalhe do painel 39 de Aby Warburg, Bilderatlas Mnemosyne. Warburg Institute. Wootton. Fonte: [bit.ly/30tSQgs](http://bit.ly/30tSQgs) 47
- 17.** Composição referente a utopia em, “Zona Ribeirinha de Lisboa: Atlas Visual Infinito”. Fonte: [bit.ly/3mV4loH](http://bit.ly/3mV4loH) 48
- 18.** Composição referente a utopia em, “Zona Ribeirinha de Lisboa: Atlas Visual Infinito”. Fonte: [bit.ly/3mV4loH](http://bit.ly/3mV4loH) 50
- 19.** Composição referente a utopia em, “Zona Ribeirinha de Lisboa: Atlas Visual Infinito”. Fonte: [bit.ly/3mV4loH](http://bit.ly/3mV4loH) 52
- 20.**Teatro Del Mondo, envolvido pela cidade de Veneza, 1979. Ben Huser, 2011. Fonte: [bit.ly/3mYVkuZ](http://bit.ly/3mYVkuZ) 59
- 21.**Teatro Del Mondo, sobre o canal de Veneza, 1979, ArtChist, s.d. Fonte: [bit.ly/3lFiHhA](http://bit.ly/3lFiHhA) 59
- 22.**Teatro Del Mondo, Planta do piso principal, 1979, ArtChist, s.d. Fonte: [bit.ly/3lFiHhA](http://bit.ly/3lFiHhA) 59
- 23.**Teatro Del Mondo, Estrutura, 1979, Fonte: [bit.ly/30W299H](http://bit.ly/30W299H) 60
- 24.** Teatro Del Mondo, 1979, Fonte: [bit.ly/30W299H](http://bit.ly/30W299H) 61
- 25.**CCB, entrada norte, Giovanni Amato. Fonte: [bit.ly/3p2WCYl](http://bit.ly/3p2WCYl) 63
- 26.**CCB, Cidade Aberta, Piso superior. Daniel Malhão (2014). Fonte: [bit.ly/2YNTWTw](http://bit.ly/2YNTWTw) 63

- 27.CCB, Planta à cota 9 m, dos módulos 1, 2 e 3. Fonte: [bit.ly/3mW2iRm](https://bit.ly/3mW2iRm) 64
- 28.CCB, Vista sobre o pátio. RISCO. Fonte: [bit.ly/3peAqZB](https://bit.ly/3peAqZB) 65
- 29.Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, Vilanova Artigas, Vista parcial da varanda e entrada a sudoeste. Nelson Kon, 2010. Fonte: [bit.ly/2YRTNyp](https://bit.ly/2YRTNyp) 67
- 30.Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, Vilanova Artigas, Vista do espaço central do edifício, o Salão Caramelo. s.d. Fonte: [bit.ly/3vbpe2w](https://bit.ly/3vbpe2w) 67
- 31.Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, Corte de Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi. Fonte: [bit.ly/3HVVH9R2](https://bit.ly/3HVVH9R2) 68
- 32.Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo, Vista geral exterior. Fonte: [bit.ly/3vbpe2w](https://bit.ly/3vbpe2w) 69
- 33.Evolução da linha de costa, com base na “planta topographica de Lisboa de 1780”; “Planta Filipe Folque de 1856-58”; “Planta Silva Pinto 1904-11” e “Levantamento topográfico 1950”. Realizado pela autora, 2021. 70
- 34.Construção do Aterro no século XIX, Centro de documentação e informação do porto de Lisboa. 71
- 35.Composição de imagens da Ribeira Nova, Cais do Sodré, s.d. Centro de documentação e informação do porto de Lisboa. 73

- 36.**Composição de imagens da Ribeira Nova, Cais do Sodré, s.d. Centro de documentação e informação do porto de Lisboa. 73
- 37.**Composição de imagens da Ribeira Nova, Cais do Sodré, s.d. Centro de documentação e informação do porto de Lisboa. 73
- 38.**Apeadeiro de Santos, fotografia tirada sobre passagem pedonal existente. Fotografia pela autora, 2021. 75
- 39.**Aterro da Boavista, em frente ao parque de estacionamento sobre o aterro e antigos armazéns. Fotografia pela autora, 2021. 75
- 40.**Avenida 24 de Julho em 1945, referente as cheias. Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa. Judah Benoliel. Fonte: [bit.ly/3DIQGI3](http://bit.ly/3DIQGI3) 77
- 41.**Avenida 24 de Julho, de frente para o Boqueirão do Duro em 1945, referente as cheias. Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa. Judah Benoliel. Fonte: [bit.ly/3DIQGI3](http://bit.ly/3DIQGI3) 77
- 42.**Suscetibilidade direta ao efeito da maré na cota 5. Realizado pela autora, 2021. 78
- 43.**Render geral sobre do projeto. Realizado pela autora, 2021. 81
- 44.**Vista geral a norte, mostrando a plataforma e relação com a praça de água. Realizado pela autora, 2021. 83

- 45.**Axonometria explodida do projeto. Realizado pela autora, 2021. 85
- 46.**Vista sobre a plataforma para o auditório. Realizado pela autora, 2021. 87
- 47.** Planta do piso 0, sobre o átrio e entrada principal. Realizado pela autora, 2021. 89
- 48.** Corte longitudinal pela Escola de Artes Performativas. Realizado pela autora, 2021. 89
- 49.** Vista pelo pátio central. Realizado pela autora, 2021. 91
- 50.** Planta do piso 1, sobre a sala de estudo com vista para o. Realizado pela autora, 2021. 92
- 51.** Render sobre o átrio da Escola de Artes Performativas. Realizado pela autora, 2021. 93
- 52.** Planta do piso -1, sobre a sala de exposições. Realizado pela autora, 2021. 94
- 53.** Render sobre a sala de exposições com vista para o pátio central, Realizado pela autora, 2021. 95
- 54.** Secção sobre o auditório, com a Sala Tejo ao centro, Realizado pela autora, 2021. 97
- 55.** Vista sobre Lisboa, de Alcântara a Santa Apolónia, Laboratório Lisboa e o Rio, David Carvalho, (2021). 100
- 56.**Painel de turma. Sobre Lisboa, Laboratório Lisboa e o Rio, para campanha “Salvar o Futuro”. 108

- 57.**Painel realizado pela autora, com a proposta de projeto. Laboratório Lisboa e o Rio, para campanha “Salvar o Futuro”. 109
- 58.**Fotomontagem de grupo, com vista sobre a torre proposta em relação a envolvente de Campo de Ourique. 113
- 59.**Planta de grupo, estudo de possibilidade de tipologias, sobre planta existente. 113
- 60.**Secção de grupo, com proposta de tipologias sobre a torre. 114
- 61.**Fotografia da maquete final, realizada pelo grupo. Nuno Almendra, (2021). 115



## INTRODUÇÃO

A cidade e o rio são elementos fundamentais da identidade de Lisboa, formando uma constante dualidade entre a terra e o estuário. Por ser uma cidade que viveu, vive e viverá em torno de água, é evidente que este fator tenha influenciado todo o seu crescimento.

A estrutura da cidade de Lisboa encontra-se intimamente relacionada com o estuário, tornando-a responsável por atividades comerciais ao longo da história, a qual originou a manifestação de diversas docas e cais ao longo da margem, assinalando a frente ribeirinha como zona portuária. Em que numa fase pós-industrial, desencadeou a descaracterização do território, e por consequente o abandono e desativação das áreas destinadas ao porto.

Deste modo, o presente trabalho tem como principal objetivo compreender a cidade de Lisboa e a sua frente de água, em particular o Aterro da Boavista e a frente ribeirinha de Santos, tendo como mote um possível regresso a margem. Este documento, apresenta-se com o carácter dual em que a sua principal estrutura desenvolve-se ao longo de duas partes correspondentes à componente individual teórica e prática, e a componente de grupo. Formado por três principais capítulos, separados entre si por subcapítulos que relacionam o seu conteúdo, de modo, a formar um diálogo conciso e homogéneo, organizado da seguinte forma:

### **Parte I:**

Apresenta a componente individual, que engloba o capítulo 1 e 3. O primeiro capítulo faz a contextualização da cidade de Lisboa, tendo como orientação uma metodologia de compreensão do lugar, através da investigação do território da cidade e do rio. E um terceiro capítulo que aborda referências de estudo que permitem uma análise de elementos que influenciam pontualmente, o percurso deste trabalho.

Este projeto incide sobre uma investigação aprofundada sobre o local a intervir, através um questionamento analítico sobre o Aterro da Boavista, quer como as suas oportunidades e fraquezas. Esta análise, segue para uma proposta arquitetónica com base no aprofundamento teórico que pretende consolidar e unificar as atividades e relações de Lisboa com o rio. O programa, promove a cultura e a arte, através da implementação da arquitetura como prática artística através da conceção de uma escola de artes performativas (música, dança e teatro), bem como a idealização de um ponto central, com o papel de marco estruturador na linha ribeirinha da cidade (dedicado ao espetáculo).

## **Parte II:**

A segunda parte aborda a componente de grupo, e foi realizada no âmbito coletivo de turma, através da criação de dois *e-books* que pretendem analisar a extensão da frente ribeirinha de Lisboa, nomeadamente: *E-book 1: “Frente Ribeirinha de Lisboa. Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021”*, que tem como base, uma análise sobre quinze intervenções que influenciam o desenvolvimento e conjunto regenerador da frente ribeirinha desde os finais do século XX até a atualidade; e o *E-book 2: “Zona Ribeirinha de Lisboa: Atlas Visual Infinito”*, que parte de uma premissa conceptual através da composição fotográfica sobre a cidade de Lisboa, onde se podem observar temas como a topografia, limites, memória, infraestruturas, paisagens frágeis, ícones, acontecimentos, mobilidade, (in)previsibilidade e utopia, tendo este último um aprofundamento de forma reflexiva sobre a importância da utopia e do imaginário na construção do espaço.

No final deste documento, posteriormente às considerações sobre este trabalho, encontra-se no separador de anexos uma reflexão sobre dois trabalhos realizado em paralelo com o percurso desta investigação, nomeadamente a participação numa campanha lançada pela Universidade de

Coimbra, com nome de “Salvar o Futuro” que incute a preocupação perante as alterações climáticas e a sua relação com a execução arquitetónica, como também, a participação no workshop com a orientação do Atelier José Adrião Arquitetos que reflete sobre os variados tipos de programas dentro da prática da arquitetura.

Em conclusão, “Lisboa e o rio: A Cidade – Reencontro com o Tejo”, enquanto tema de projeto final de mestrado, pretende interpretar um conjunto de conceitos teóricos que visam uma compreensão formal do espaço, na estruturação da cidade enquanto sistema na frente de água.







**1**

**O LUGAR**

LISBOA

“E tu, nobre Lisboa, que no Mundo  
Facilmente das outras és princesa,  
Que edificada foste do facundo,  
Por cujo engano foi Dardânia acesa;  
Tu, a quem obedece o mar profundo,  
Obedecestes à força portuguesa,  
Ajudada também da forte armada,  
Que das Boreais partes foi mandada.”<sup>1</sup>

Entre colinas, estendida sobre os vales do estuário do Rio Tejo, surge Olissipo<sup>2</sup>. Fundada segundo a lenda, por Ulisses<sup>3</sup>, na altura, a Lisboa dos Romanos no século II a.C. Acredita-se ser o primeiro fenómeno de urbanização neste local. Lisboa ganha relevância sobretudo devido a sua localização geográfica privilegiada junto ao Atlântico, virada a sul e abraçada ao Tejo. Face a estas características, oferece posição de porto natural pela sua morfologia do lugar e como a água penetrava as terras ribeirinhas, estes fatores afirmaram Lisboa como ponto estratégico para atividades portuárias, visto apresentar condições vantajosas para o reabastecimento de barcos que faziam o comércio entre o Mar Norte e o Mar Mediterrâneo.

O primeiro assentamento relevante foi feito por parte dos fenícios, onde Lisboa recebia o nome de Alis Ubbo<sup>4</sup>. A civilização fenícia e cartaginesa transformou assim, a cidade num dos mais relevantes mercados da sua época, onde destacou-se como porta de entrada de bens, produtos, pensamentos e indivíduos, determinando, a sua identidade de abertura ao exterior e relação com o rio. Contudo, é apenas com os romanos que Olissipo é reconhecida como cidade, sendo uma das mais importantes da Lusitânia Romana. Durante este período foram construídos vários edifícios públicos de ordem administrativa, civil e religiosa como é o caso do Teatro Romano e as Termas Romanas dos Cássios<sup>5</sup>.

A cidade nasce na costa do Castelo por motivos de defesa e graças a excelente exposição solar, onde se tornou o centro político e administrativo durante séculos, rodeada pelo

**1.**CAMÕES, Luís de - Os Lusíadas, Canto III, Estrofe 57.

**2.**Nome romano da capital portuguesa. Disponível em: [bit.ly/3v38BpS](http://bit.ly/3v38BpS)

**3.**Herói lendário da Guerra de Tróia, associado a origem da fundação de Olisipo - Lisboa.

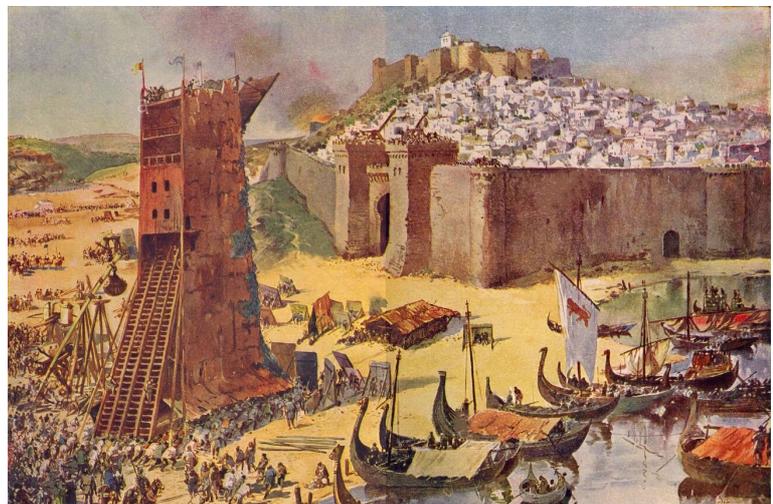
**4.**De origem fenícia que significa “Enseada amena”. Disponível em: [bit.ly/3FFcK8m](http://bit.ly/3FFcK8m)

**5.**FERNANDES, Lúcia - Capitel das Thermae Cassiorum de Olisipo. p. 191-207.

Rio Tejo e duas ribeiras, correspondente às atuais Avenida da Liberdade e Avenida Almirante Reis, que reúnem, neste local condições favoráveis ao desenvolvimento da vida comercial e afirmação da importância da cidade.

Com o decair do Império Romano, os povos Suevos e Visigodos invadiram Lisboa e desarmaram alguns dos espaços públicos romanos na margem do Tejo. No entanto, a concentração da população é marcada no interior da muralha da cidade, um meio de proteção que mais tarde é tomada pelas invasões Muçulmanas no ano de 714, iniciando assim, esta conquista árabe que aproveita os limites da cerca, restaurando-a e mantendo uma relação direta com o Rio Tejo onde se instalou a população ligada maioritariamente a atividades piscatórias e tráfego marítimo<sup>6</sup>.

**6.**SARAIVA, José Hermano - Lisboa, do passado ao futuro. Disponível em: [bit.ly/3BBevRx](http://bit.ly/3BBevRx)



**2** Conquista de Lisboa aos Mouros, Roque Gameiro. (1917)

Lisboa é reconquistada pelos Cristãos ao comando de D. Afonso Henriques em 1147, e a partir do século XIII intensificou-se o comércio marítimo e D. Afonso III fez de Lisboa a cidade principal do reino, estabelecendo o Rossio como principal praça pública da Cidade. Com a conotação de capital, o porto de Lisboa tomou um forte papel no mundo inteiro, sendo reconhecido como uma das mais crescentes cidades portuárias.

A Lisboa medieval continua a ser apresentada por ruas tortas e estreitas seguindo um plano urbano pouco trabalhado. No entanto, devido ao crescimento das interações sociais e comerciais, principalmente na frente ribeirinha, a cidade vai crescendo para fora da muralha, sendo necessário aumentar a proteção da cidade. Neste sentido, dá-se por concluída a construção da muralha Fernandina na segunda metade do século XIV. Lisboa, vai-se tornando gradualmente um ponto importante no território que estabelece várias rotas comerciais, e desta forma a cidade começa a ser desenhada de acordo com as necessidades da população<sup>7</sup>.

No século XVIII, por ordem de D. João V, realizam-se os primeiros sinais de crescente melhoria na frente ribeirinha de Lisboa, onde se fez as primeiras obras no Aterro de Belém<sup>8</sup>, sobre a autoria do Arquiteto Carlos Mardel, ao qual o plano incidia sobre o estudo da regularização da margem ribeirinha. Lisboa crescia estrategicamente, contudo, com o terramoto de 1755 grande parte da cidade ficou totalmente destruída, ficando sujeita a inúmeras obras e reestruturações no plano urbano. O colossal acontecimento resultou na estagnação das atividades portuárias. Neste sentido, ao comando de Sebastião José de Carvalho e Melo<sup>9</sup> foi desenhada a reforma pombalina por Eugénio dos Santos, Carlos Mardel e Manuel da Maia, seguindo um esquema de ortogonalidade regular, e planificação do território que perdurou até ao século XX.

Durante a reestruturação da cidade, ainda no século XIX, era evidente a separação entre a cidade e o rio, onde o porto de Lisboa se debatia com dificuldades para dar resposta as inovações à semelhança do que decorria na restante parte da

**7 e 8.** Associação Porto de Lisboa. APL. Disponível em: [bit.ly/2YKtlqo](http://bit.ly/2YKtlqo)

**9.** Marquês de Pombal e Conde de Oeiras.

Europa. Desta forma, seguiram-se inúmeras alterações que vieram a alterar toda a imagem da frente ribeirinha, primeiramente com os aterros junto ao rio de forma a originar espaços planos para o porto, posteriormente com a construção de extensos quilómetros de cais e armazéns. A decrescente relação entre a cidade e o rio, tornou-se evidente num período de revolução industrial.

Com o aparecimento da máquina a vapor surgiram os grandes barcos e a construção de linhas férreas ao longo de toda a zona litoral, Lisboa tem a necessidade de uma grande expansão e desenvolvimento da sua estrutura.



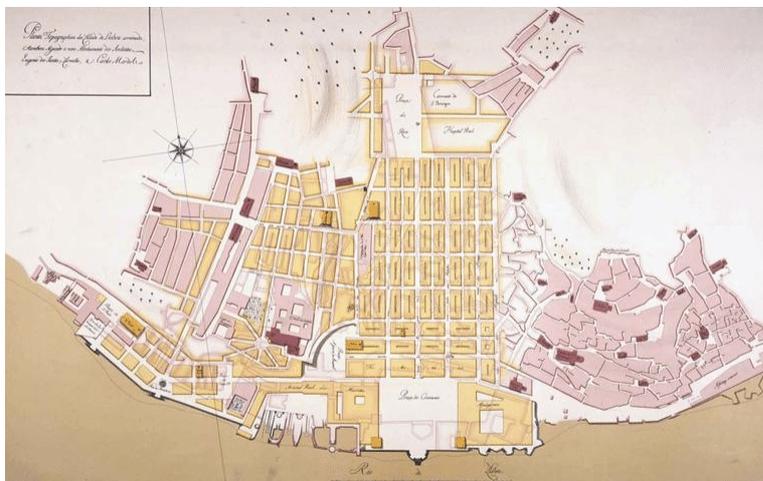
3 Vista sobre o Paço da Ribeira em 1740



4 Gravura durante o terramoto e maremoto de 1755

Décadas mais tarde, com a crescente exportação de mercadorias surgiu a necessidade de ampliar o Porto de Lisboa, para tal foi inaugurada a estação de Santa Apolónia. O primeiro troço entre a estação de Lisboa e a linha de Leste para o Carregado<sup>10</sup> permitiu assegurar o rápido escoamento de mercadorias. Estava, portanto, consolidada uma linha industrial ao longo da margem ribeirinha, através de fábricas, estações e infraestruturas portuárias que marcavam uma estreita ligação entre o rio e a cidade apesar dos melhoramentos nas condições de circulação de pessoas e bens.

Após estas grandes transformações na costa de Lisboa, o Rio Tejo continuou a ser um elemento admirável e importante da cidade, apesar da barreira física que descontinuava o território. Em resposta a este problema a saudade do rio renasceu, e como um despertar, fragmentos da frente ribeirinha foram, e vão sendo novamente revelados para a formação de um novo vínculo com o rio.



5 Plano de reconstrução de Lisboa, 1755-58

**10.**Associação Porto de Lisboa.  
Disponível em: [bit.ly/2YKtlqo](http://bit.ly/2YKtlqo)



6 Embarcações, APL



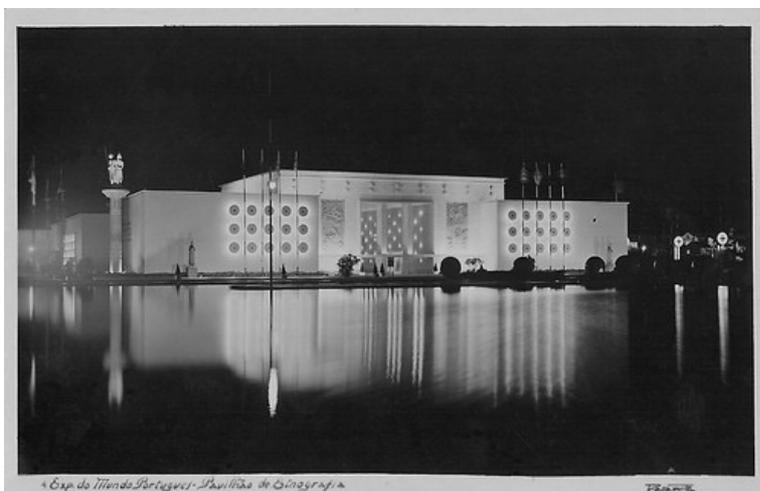
7 Porto de Lisboa, Início do século XX. José Chaves Cruz



8 Doca Poço do Bisco, Artur João Goulart. (1960)



9 Exposição do Mundo Português, Pavilhão de Lisboa. (1940)



10 Exposição do Mundo Português, Pavilhão de Etografia. (1940)

Como resposta do afastamento entre o rio e a cidade, surge a renovação da zona monumental de Belém, graças a exposição do mundo português de 1940, que permite a tão esperada reaproximação com o Tejo. Mais tarde, esta zona vem a ser reforçada com o Centro Cultural de Belém em 1992 e com o Museu dos Coches que consolida a zona ocidental da cidade, como também a requalificação da frente ribeirinha de Algés a Santo Amaro. No lado oposto da cidade, na zona ribeirinha oriental é intensamente transformada com a Exposição Mundial de 1998 (EXPO 98), estas concretizações trazem uma alteração urbana, que cria uma nova centralidade metropolitana<sup>11</sup>.

É importante também, mencionar a reestruturação do espaço público do Cais do Sodré até ao Terreiro do Paço que atualmente proporciona um percurso junto a Ribeira das Naus, local esse que anteriormente exercia um papel industrial que permanece na memória da malha de Lisboa até aos dias de hoje. Mais recentemente e persistindo pela busca do reencontro com o rio temos projetos que redesenham a frente ribeirinha e sua visão lúdica sobre o Tejo, como é o caso da Fundação Champalimaud, o Museu de Arte, Arquitetura e Tecnologia, a nova sede da EDP, e projetos autoria do arquiteto João Luís Carrinho da Graça como o Jardim do Campo das Cebolas e o Terminal de Cruzeiros.

**11.** PALMA, Rui, TELLES, Gonçalo Ribeiro - Expo 98.  
Disponível em: [bit.ly/3mOhTCn](https://bit.ly/3mOhTCn)



2

# COMPONENTE DE GRUPO

EDIFÍCIOS E ESPAÇOS PÚBLICOS CONTEMPORÂNEOS 1991-2021

ZONA RIBEIRINHA DE LISBOA: ATLAS VISUAL INFINITO

FRENTE RIBEIRINHA DE LISBOA.

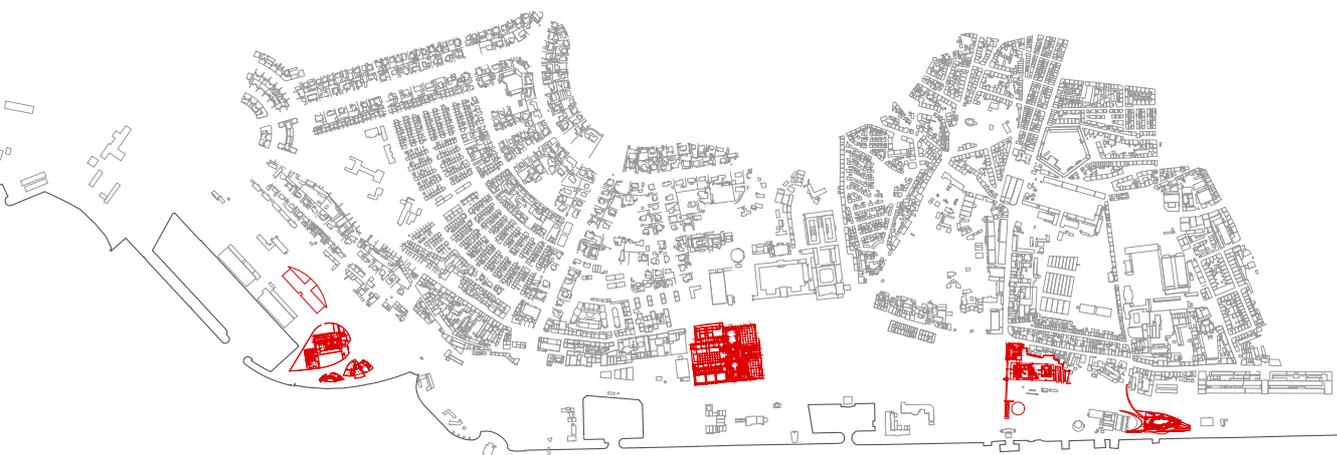
EDIFÍCIOS E ESPAÇOS PÚBLICOS CONTEMPORÂNEOS 1991-2021



11 Delimite sobre zona 1 (nascente), 2 (centro) e 3 (poente)

No âmbito da crescente reestruturação da frente Ribeirinha, representada por diversas intervenções com um papel de marco para a cidade e para o rio, surgiu, em trabalho coletivo de turma, um *e-book* que reflete uma investigação sobre estes exemplos de arquitetura, existentes na frente de água de Lisboa desde o final do século XX até a atualidade numa extensão de cerca de 20 km. Tendo como objetivo compreender estes projetos como elementos transformadores da cidade e a sua relação consolidada com o Rio<sup>12</sup>, foram delimitadas no território, de ocidente a oriente, do Rio Jamor ao Rio Trancão, três zonas que abrangem estas intervenções.

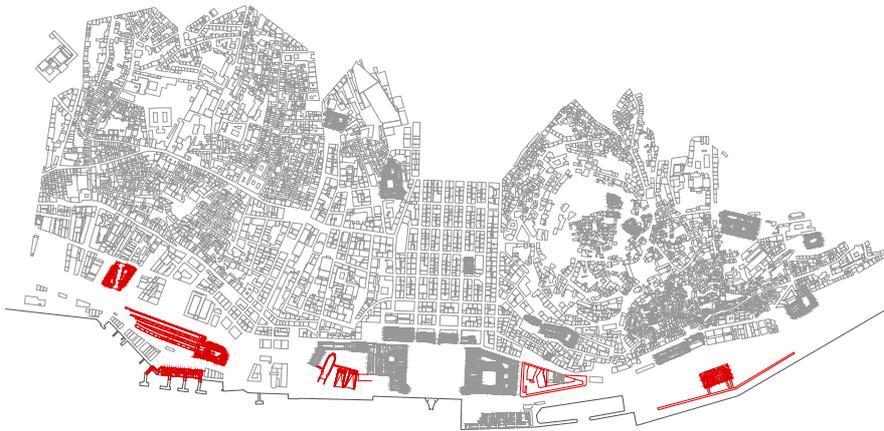
Uma primeira zona a poente definida pelos limites de quatro intervenções: junto a Doca de Pedrouços, a Fundação Champalimaud projetada pelo arquiteto Charles Correa com o projeto paisagístico pela PROAP; no seu seguimento, a norte da linha do comboio, o Centro Cultural de Belém por Vittorio Gregotti e Manuel Salgado. Conduzindo pelo enfiamento da Avenida da Índia, o Museu Nacional dos Coches como terceira intervenção desta zona, projetado pelos arquitetos Paulo Mendes de Rocha, Ricardo Bak Gordon e MMBB Arquitetos; por fim, voltando à sul da linha do comboio, o Museu da Arte, Arquitetura e Tecnologia de Amanda Levete como última intervenção delimitadora da primeira zona de investigação.



**12.***E-book*: Frente Ribeirinha de Lisboa. Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021. Disponível em: [bit.ly/3mW2iRm](http://bit.ly/3mW2iRm)

**12** Limite sobre zona 1, da esquerda para a direita: Fundação Champalimaud, CCB, Museu Nacional dos Coches e MAAT

Perante a segunda zona, que envolve as origens da cidade, no centro de Lisboa, delimitam-se seis projetos que marcam a reestruturação ribeirinha da Lisboa antiga, como a Sede da EDP na Avenida 24 de Julho, projetada pelos Arquitetos Aires Mateus; seguindo pela linha do comboio que abraçada ao Jardim de Roque Gameiro, desenvolve-se, o Interface do Cais do Sodré projetado pelos arquitetos Pedro Viana Botelho e Nuno Teotónio Pereira. No percorrer deste limite surge a terceira intervenção em estudo, nomeadamente a Reabilitação da Ribeira das Naus em coautoria de João Gomes da Silva e João Nunes, pela Global Arquitetura Paisagista e PROAP respetivamente; em último desta delimitação, com três projetos do arquiteto João Luís Carrilho da Graça: o Campo das Cebolas, a Doca da Marinha e o Terminal de Cruzeiros situados no alinhamento da Avenida Infante Dom Henrique.



**13** Limite sobre zona 2, da esquerda para a direita: Sede EDP, Interface do Cais do Sodré, Ribeira das Naus, Campo das Cebolas, Doca da Marinha e Terminal de Cruzeiros de Lisboa

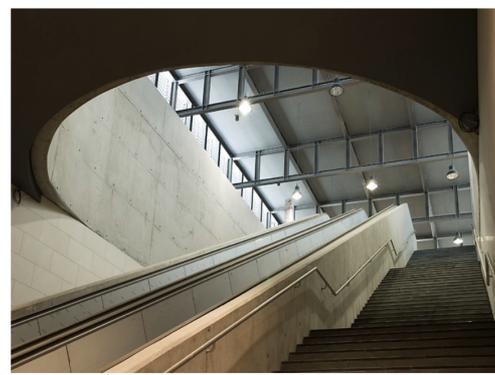


**14** Limite sobre zona 3, da esquerda para a direita: Prata Riverside Village, Parque Ribeirinho do Oriente, Pavilhão do Conhecimento, Pavilhão de Portugal e Jardim Garcia de Orta

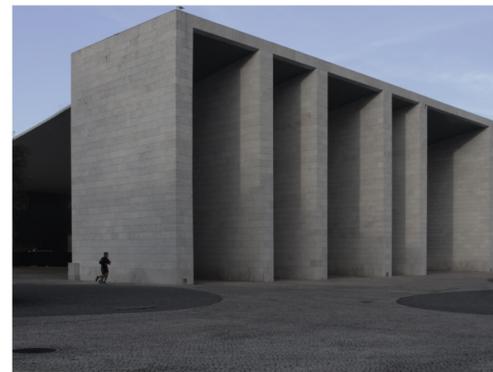
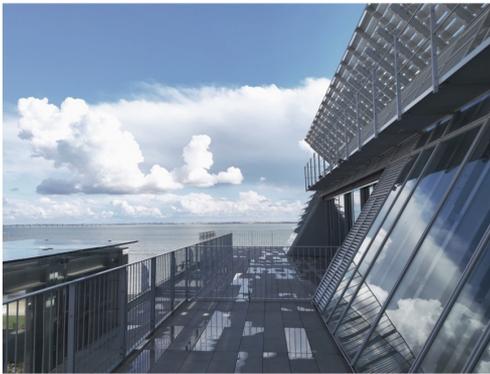
Na zona oriente, interpretada como última zona deste limite ribeirinho, do lado oposto ao centro da cidade, compreendida na frente de rio das freguesias de Marvila e o Parque das Nações, encontram-se cinco intervenções na sequência da EXPO 98, que serviram de investigação para o terceiro limite deste *e-book*, nomeadamente: o conjunto habitacional projetado pelo arquiteto italiano Renzo Piano, Prata Riverside Village e o espaço urbano do Parque Ribeirinho do Oriente na Rua Cintura do Porto projetado pelo FC Arquitetura Paisagista, coautoria de Filipa Cardoso de Menezes e Catarina Assis Pacheco. As próximas intervenções são inseridas dentro da freguesia do Parque das Nações, na Alameda dos Oceanos, respetivamente o Pavilhão do Conhecimento projetado pelo arquiteto João Luís Carrilho da Graça; e o Pavilhão de Portugal projetado pelo arquiteto Álvaro Siza Vieira; e o espaço público do Jardim Garcia de Orta projeto pelo arquiteto paisagista João Gomes da Silva, representando a linha delimitadora entre o Passeio das Tágides e o Rio Tejo.

Neste contexto, partindo destas três zonas, foi importante investigar a sua origem e o seu processo de desenvolvimento, através de um estudo descritivo aprofundado sobre as intervenções, como também a sua interpretação com base em peças desenhadas que constroem a composição da narrativa deste *e-book*. Na sequência deste trabalho, surgiu também a oportunidade de participar na conferência *Grand Projects – Urban Legacies of the Late 20th Century: Lisbon Waterfront Buildings and Public Spaces* coordenada pelo Dinamia/CET – ISCTE-IUL<sup>13</sup>, pelo professor e investigador Paulo Tormenta Pinto, em fevereiro de 2021, cuja apresentação decorreu no âmbito da importância da frente ribeirinha de Lisboa de modo a investigar e destacar obras de grande importância para regeneração urbana da cidade na sua frente de água.

**13.** Informação Disponível em:  
[bit.ly/3FGdkCL](https://bit.ly/3FGdkCL)



15 Composição referente as quinze intervenções na frente ribeirinha de Lisboa



(Adaptado de Grand Projects)

## ZONA RIBEIRINHA DE LISBOA: ATLAS VISUAL INFINITO

Partindo do conceito descritivo do primeiro *e-book*, houve uma necessidade de desmaterializar toda a informação recolhida, e uma vontade de remontar as peças do puzzle de maneira complementar, mas distinta. Deste modo, como premissa, inspirou-nos o *Mnemosyne Atlas* de Aby Warburg<sup>14</sup>. Este livro teve intenção de mapear a vida após a antiguidade ocidental, desde a Grécia de Alexandria a Alemanha de Weimar, onde as combinações de experiências seguem o seu intuito e lógica, num jogo de arranjo e rearranjo, adição e subtração através da imagem, cartografia, ou páginas manuscritas concebendo assim, uma nova forma de mapear o território<sup>15</sup> que Warburg esboçou de modo a refletir sobre a natureza do conhecimento histórico. Desta forma, quisemos dar novas configurações a Lisboa e ao Tejo, e tudo aquilo que representa a cidade e o rio, com a oportunidade de criação de um espaço de pensamento pessoal. A partir deste ponto, surgiu uma pesquisa conceptual através de uma sequência de imagens, mapas, gravuras e ilustrações que em conjunto formaram uma nova história, que expõem diversas temáticas que relatam a cronologia do nosso objeto de estudo, como por exemplo: a memória, o limite, a paisagem, o ícone, a infraestrutura, os acontecimentos e a utopia<sup>16</sup>.

Nesta primeira aproximação a esta nova abordagem sobre Lisboa e o Rio, foi-me dada a abertura para sustentar a relação da definição de Utopia para com tudo o que foi estudado até então. Para fundamentação do vocabulário recorrendo a terminologia grega percebe-se a divisão entre “*u*” e “*topós*”, onde o prefixo “*u*” tende a ser aplicado com conotação negativa e “*topós*” com o significado de lugar, dando assim origem a “não lugar” ou “lugar nenhum”. Surge então a ideia de civilização ideal, fantástica e imaginária. “Um sistema ou plano que parece irrealizável, é uma fantasia, um devaneio, uma ilusão, um sonho”.<sup>17</sup>

Na criação deste imaginário, seguiram-se subtemas para

**14.** Historiador de arte alemão do século XX.

**15.** Painéis do *Mnemosyne Atlas*, distribuído em 9 sequências temáticas. Disponível em: [bit.ly/3FR97we](http://bit.ly/3FR97we)

**16.** *E-book*: Zona Ribeirinha de Lisboa: Atlas Visual Infinito. Disponível em: [bit.ly/3mV4loH](http://bit.ly/3mV4loH)

**17.** Porto Editora – *utopia*. Disponível em: [bit.ly/3mL5Y8t](http://bit.ly/3mL5Y8t)

fermentar a relação da utopia com a cidade de Lisboa e a arquitetura, nomeadamente: a utopia como acensão que remete para a construção numa imensa extensão vertical na cidade e a premissa do que a altura poderia oferecer através de Ilustrações do arquiteto Pedro Campos Costa em Lisbon Vertigo<sup>18</sup>; ou de um empilhar de ícones da cidade onde pelo topo da praça do comércio de veria o mundo pela ilustração de Duarte Lobo Antunes<sup>19</sup>. Outro subtema que levantou interesse foi a Utopia como submersão que face a preocupação das alterações climáticas, Luís Louro personifica Lisboa através do imaginário, numa ilusão que teria parecenças à realidade.

Neste sentido, este atlas teve um caracter de desmitificação da cidade, onde é o que é, como também é, tudo aquilo que possamos interpretar. Sendo este fator um ponto importante para a desmitificação da cidade e construção de um pensamento prático.

**18.**Exposição Lisbon Vertigo.  
Disponível em: [bit.ly/3DBPiqF](http://bit.ly/3DBPiqF)

**19.**CARDOSO, Joana Gomes et al.- Futuros de Lisboa.



**16** Detalhe/Fração do Painel 39 de Aby Warburg, Wootton

01

Torre de controlo do tráfego marítimo de Algés extrudida.

(Pedro Campos Costa, 2019)

Fonte: [bit.ly/3FCTfMJ](https://bit.ly/3FCTfMJ)

02

Proposta de três torres para a zona de Alcântara, que permite a libertação do solo e a relação em altura com a ponte 25 de Abril. (Siza Vieira, 2004)

Fonte: [bit.ly/3oQyZAx](https://bit.ly/3oQyZAx)

03

Proposta de um edifício em altura para a regeneração de um quarteirão no aterro da Boavista, localizado na Av. 24 de Julho, junto ao cruzamento com a Av. D. Carlos I. (Norman Foster, 2006)

Fonte: [bit.ly/3DHawDP](https://bit.ly/3DHawDP)

04

Prolongamento vertical das torres de proteção do Castelo de S. Jorge (Pedro Campos Costa, 2019)

Fonte: [bit.ly/32oBXVs](https://bit.ly/32oBXVs)

05

Ascensão dos torreões do Terreiro do Paço.

(Pedro Campos Costa, 2019)

Fonte: [bit.ly/3l14TZX](https://bit.ly/3l14TZX)

06

Criação de vários edifícios em altura junto à R. do Alecrim.

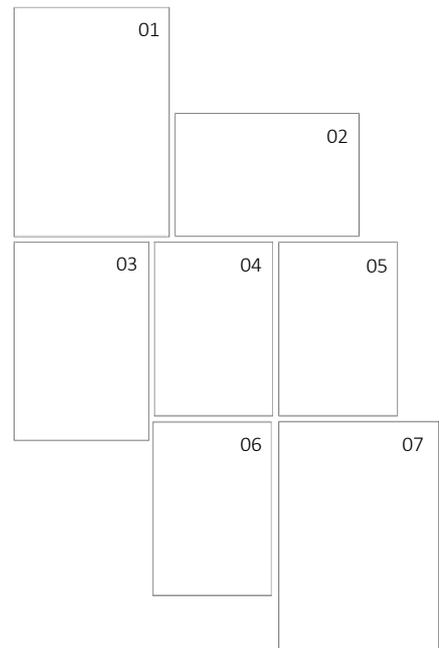
(Pedro Campos Costa, 2019).

Fonte: [bit.ly/3oPVbef](https://bit.ly/3oPVbef)

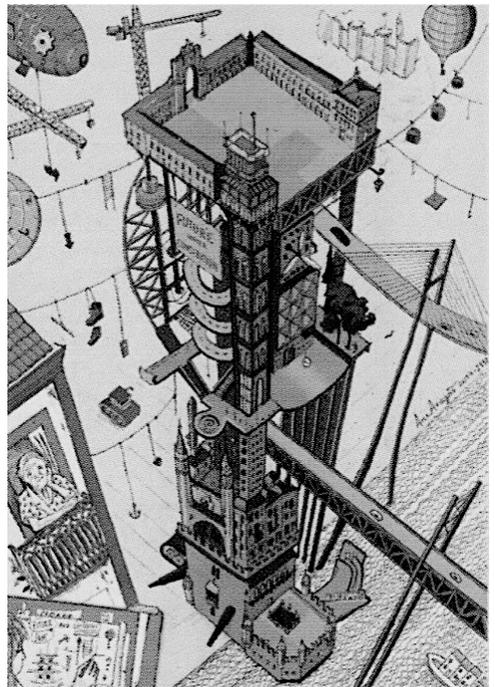
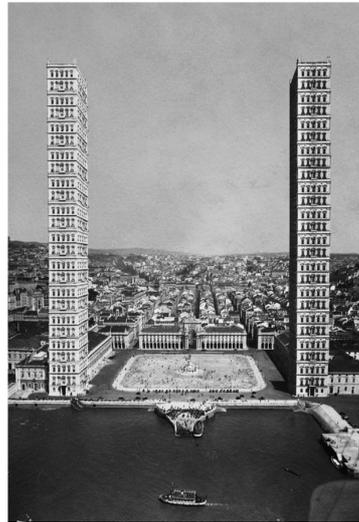
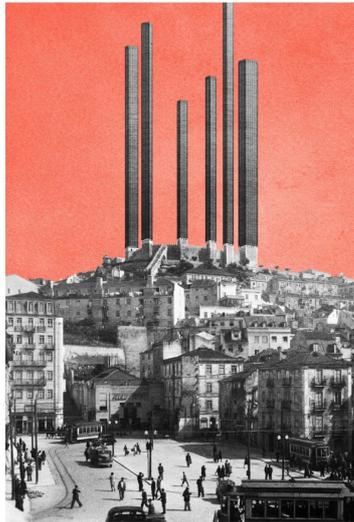
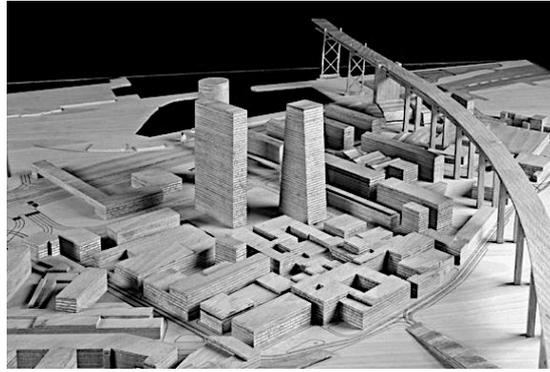
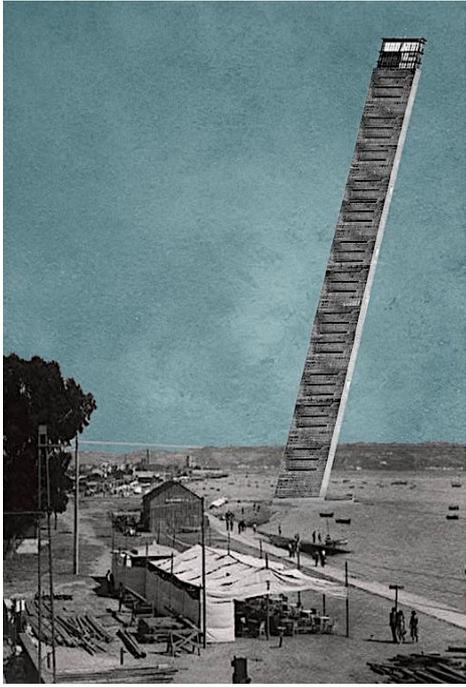
07

Ilustração de uma torre, constituída por vários edifícios ícones da cidade de Lisboa. (Duarte Lobo Antunes, 2013)

Fonte: CARDOSO, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.



# Utopia



Disponível em: [bit.ly/3mV4loH](http://bit.ly/3mV4loH)

01

Privatização do acesso ao Terreiro do Paço, com uso exclusivo do Lisbon Resort Hotel, instalado nos edifícios dos ministério. (Shifting-Realities Collective, 2018)

Fonte: [bit.ly/3FGOEtc](https://bit.ly/3FGOEtc)

02

Proposta para 2053 de uma Mediateca dentro de uma esfera espelhada, suspensa sobre o Terreiro do Paço. (Pedro Reis, 2013)

Fonte: [bit.ly/3x9EKgx](https://bit.ly/3x9EKgx)

03

A tribo dos sonhos, ilustração de uma proposta para o aumento do número de pisos dos edifícios da baixa, bem como dos transportes públicos. (Nuno Artur Silva / António Jorge Gonçalves, 2003)

Fonte: CARDOSO, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.

04

Dirigível Zeppelin, sobrevoa junto ao Terreiro do Paço.

(Autor desconhecido, s.d)

Fonte: [bit.ly/3cF1J9E](https://bit.ly/3cF1J9E)

05

Proposta para a construção de uma zona côncava no centro do Terreiro do Paço, capaz de proporcionar um anfiteatro em que não existe palco mas apenas público que se confronta visualmente, tornando-se os únicos e desejados protagonistas deste espaço. (Pedro Bandeira, 2000)

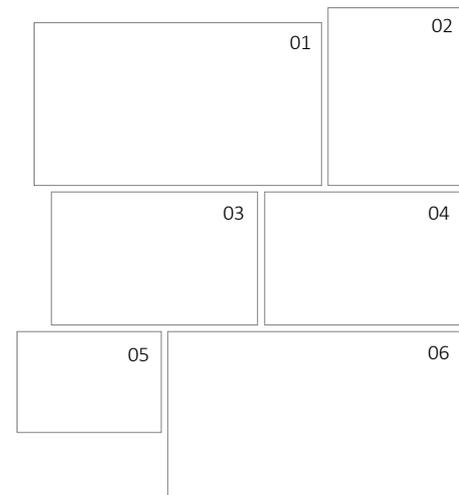
Fonte: [bit.ly/3nFgnUM](https://bit.ly/3nFgnUM)

06

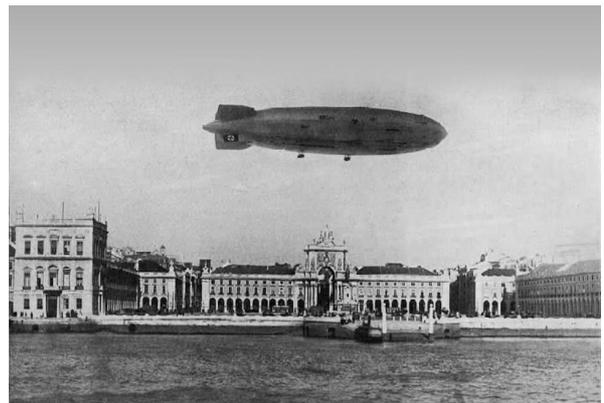
Proposta para a alteração das fachadas dos edifícios do ministério no Terreiro do Paço, bem como uma grande praça de água.

(Ana Aragão, 2013)

Fonte: CARDOSO, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.



# Utopia



Disponível em: [bit.ly/3mV4loH](http://bit.ly/3mV4loH)

01

Ilustração crítica (ALICE 7) vista pelo Cais das Colunas para o Terreiro do Paço para um cenário de submersão, perante a despreocupação face as alterações climáticas. (Luís Louro, 1995)

Fonte: CARDOSO, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.

02

As Aventuras de Filipe Seems, Ilustração do Terreiro do Paço inundado ao qual remete a uma influencia aos acontecimentos da cidade de Veneza, em Itália.

(Nuno Artur Silva / António Jorge Gonçalves, 1993)

Fonte: CARDOSO, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.

03

As Aventuras de Filipe Seems, Ilustração da Rua Augusta inundada ao qual remete a uma influencia aos acontecimentos da cidade de Veneza, em Itália.

(Nuno Artur Silva / António Jorge Gonçalves, 1993)

Fonte: CARDOSO, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.

04

Fotomontagem pela Rua D. Luís I para um futuro inundado e utópico referente a possível inundaçao das zonas baixas de Lisboa.

(Luís Ferreira / Inês Lino / José Pedro Piteira, 2018)

Fonte: CARDOSO, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.

05

Presente realidade pela cidade de Veneza na Ponte Rialto. Uma cidade sobre água onde os carros são substituídos pelas gôndolas.

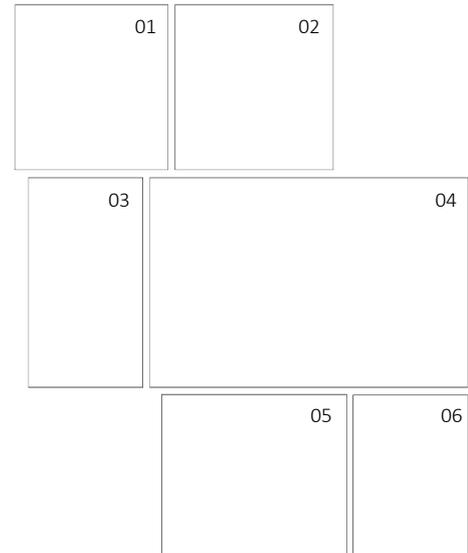
(Thinkstock/Flickr, 2019)

Fonte: [bit.ly/3cCvLLu](http://bit.ly/3cCvLLu)

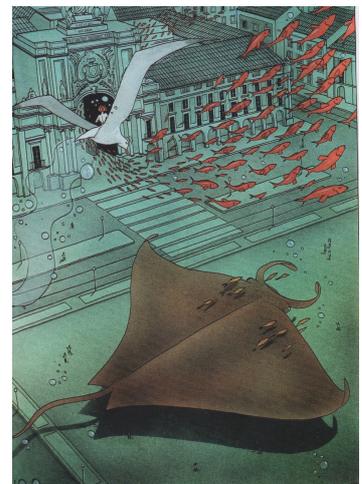
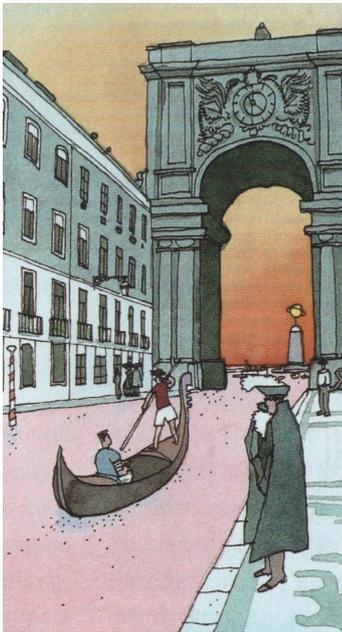
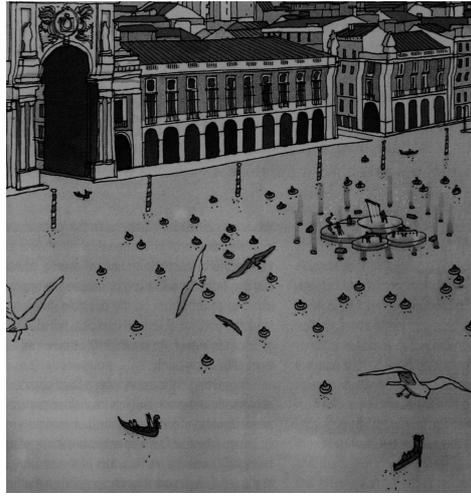
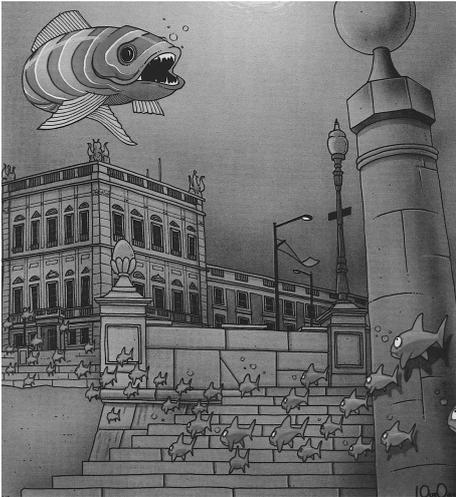
06

Ilustração crítica (ALICE 7) pelo Terreiro do paço através cenário de submersão, perante a despreocupação face as alterações climáticas. (Luís Louro, 1995)

Fonte: CARDOSO, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.



# Utopia



Disponível em: [bit.ly/3mV4loH](https://bit.ly/3mV4loH)



# 3

## COMPONENTE INDIVIDUAL

CASOS DE ESTUDO

O LOCAL: ATERRO DA BOAVISTA

CONTEXTO URBANO

CONCEITO E PROPOSTA

## CASOS DE ESTUDO

Para melhor compreensão do presente trabalho, onde a temática se insere na percepção da cultura, do espaço e do lugar, foram selecionadas três intervenções de referência. Com características próprias, pelas suas particularidades arquitetónicas, construtivas e programáticas, que pressupõem ideias sobre o território, e conduzem para a execução prática que este trabalho propõe efetuar.

Neste sentido, tornam-se objetos de estudo: o Teatro del Mondo, de Aldo Rossi pela efemeridade; o Centro Cultural de Belém de Vittorio Gregotti e Manuel Salgado, enquanto elemento que transforma a cidade e traz consigo a memória da fortaleza. E por último, devido a funcionalidade, pensamento construtivo e intencionalidade programática, a Faculdade de Arquitetura da Universidade de São Paulo de João Vilanova Artigas.

*“Na vida há muitas situações nas quais a organização é demasiado brutal; é tarefa do arquiteto conferir à vida uma estrutura mais sensível.”*

Alvar Aalto

**TEATRO DEL MONDO, ALDO ROSSI (VENEZA, 1979)**

Aldo Rossi, representa, maioritariamente um dos maiores nomes da arquitetura moderna, o arquiteto italiano, apesar de construir segundo a simplicidade geométrica da época, demonstrou uma tendência para edifícios regidos por formas puras, mas evidentemente influenciadoras de uma reinterpretação das influências clássicas da arquitetura italiana. Neste seguimento, Aldo Rossi cria o Teatro Del Mondo inspirado nos seus próprios conhecimentos sobre Veneza.

Inaugurado em 1979 para a Bienal de Veneza com carácter temporário, o teatro flutuante, representa uma operação poética ancorada em Punta Della Dogana que depois navegou através do Mar Adriático até Dubrovnik, expressando a sua estrutura através da certeza da matéria imóvel contra a agitação fluida da vida em redor.

Através dos seus desenhos para o teatro, Aldo Rossi, analisou e condensou a identidade veneziana. Em que cria um objeto autónomo, ainda que, viajante de vários locais era parte integrante da cidade de Veneza. Baseado em diferentes proporções, o arquiteto apoia a formação na antiga cultura grega, onde o teatro representaria todas as fases da vida: desde a juventude a velhice, a vida até a morte. Com uma composição de geometria básica. A forma geral do edifício surge através da composição de prismas e conseqüentemente na adição dos mesmos, representado através de uma cúpula cónica e um prisma cubico central, com uma planta quadrangular composta por um palco primordial, abraçado por dois volumes exteriores em lados oposto ao núcleo<sup>20</sup>.

O Teatro Del Mondo corresponde a transformação e alteração geográfica do espaço, um fragmento que harmonizou de forma impressionante, o cume da cidade. Foi uma peça da história urbana, com uma clara ligação entre o passado e o futuro. Uma imagem metafísica, que cria uma visão desfocada entre a representação do real e a sua relação com a memória.

**20.**BRAGHIERI, Gianni - Aldo Rossi: Works and Projects. p.116.

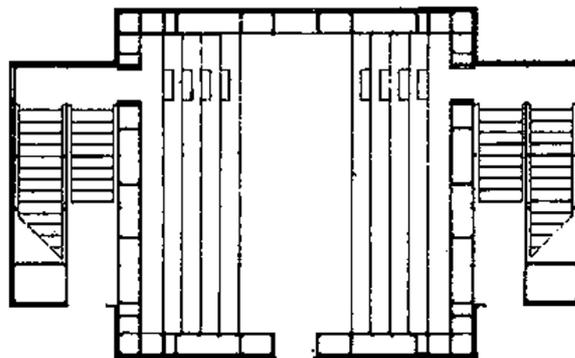
*"(...) On the subject of architecture, I have still a dream of great civil architecture; not the concordance of discords, but the city that is beautiful because of the wealth and variety it contains. I believe in the city of the future recomposed. In truth the recomposition does not seek a single, overall design but the liberty of a life of its own, a freedom of styles. A city that is free."<sup>21</sup>*



20 Teatro Del Mondo, envolvido por Veneza, Bem Huser

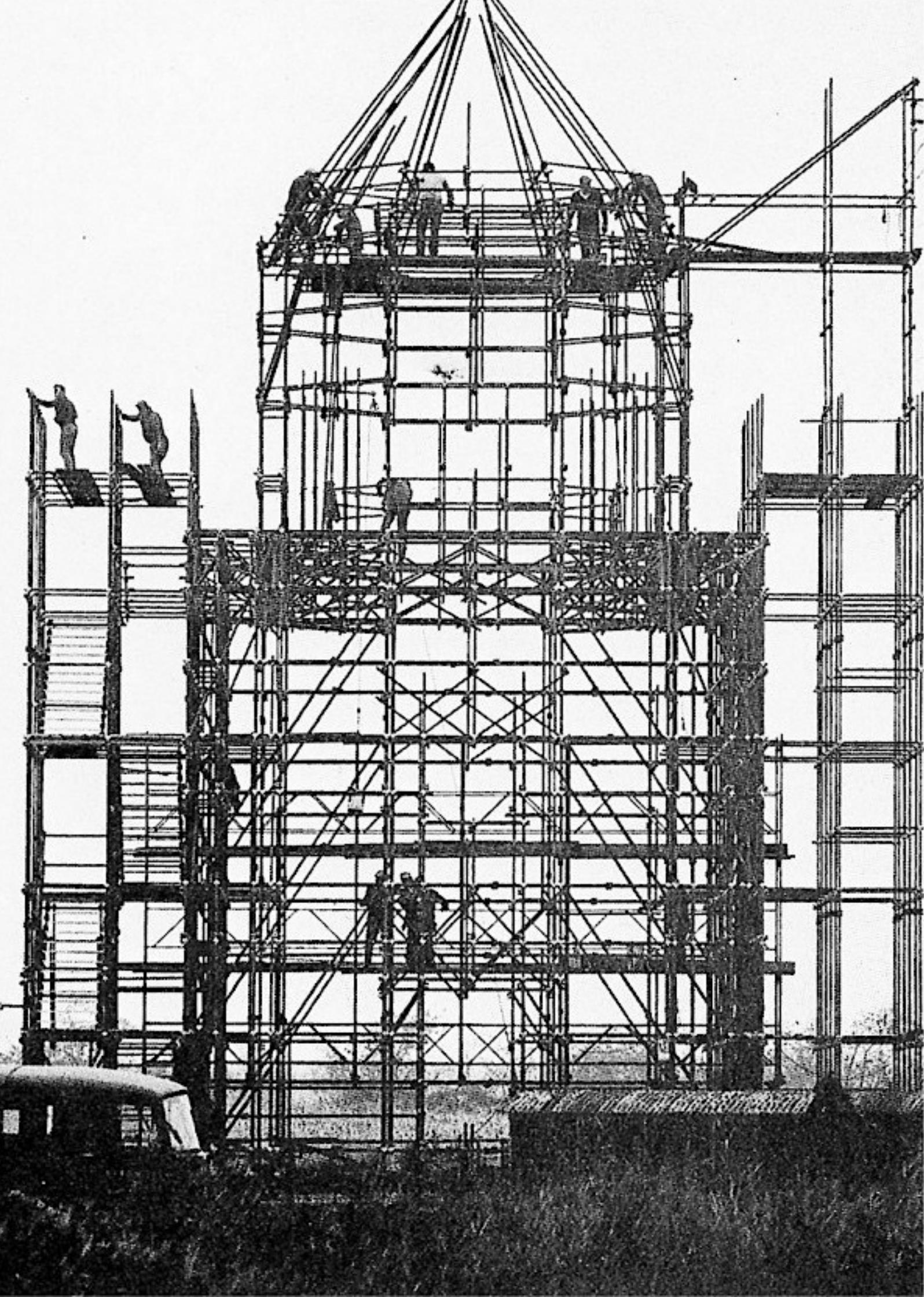


21 Teatro Del Mondo, ArtChist



22 Planta Piso 1, ArtChist

21.ROSSI, ALDO - Aldo Rossi Architect. Tradução de Finch Allibone. p.13.





**CENTRO CULTURAL DE BELÉM, VITTORIO GREGOTTI E MANUEL SALGADO (LISBOA, 1992)**

Dentro da investigação coletiva de turma para o *e-book* 1: Frente Ribeirinha de Lisboa. Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021, surgiu um interesse particular sobre esta intervenção. O Centro Cultural de Belém, foi desenhado como parte complementar do território adjacente à frente ribeirinha em belém. Projetado em 1988 por Vittorio Gregotti e Manuel Salgado com construção em 1992<sup>22</sup>, o edifício representa uma leitura conceptual de fortificação que equilibra a comunicação com a sua envolvente.

Este conjunto recupera a memória de fortaleza, que o eleva através de uma muralha artificializada que proporciona uma ligação visual direta com o rio em determinados pontos, onde cria uma pequena cidade dentro da cidade, através de uma malha urbana e ortogonal que emoldura um conjunto de módulos de diferentes dimensões e funcionalidades. Marca também um limite a poente da Praça do Império, enquadrando o Mosteiro dos Jerónimos.

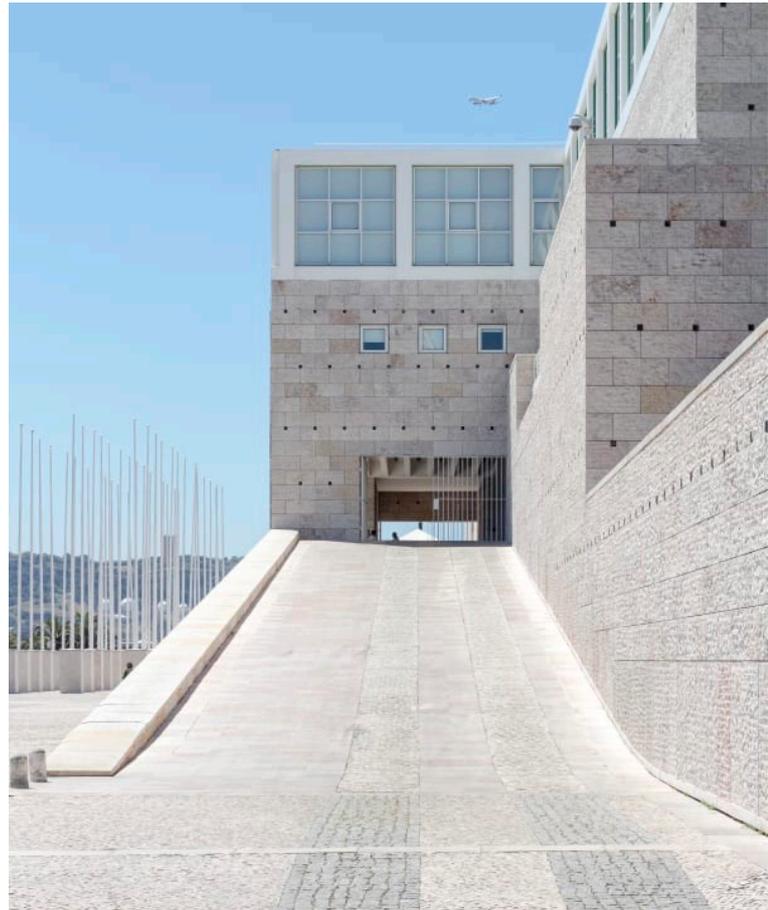
Assinalado pelas variações de cheios e vazios, transmitidas no rigor do desenho, que se traduzem nas transições entre espaços, luz e materiais, o projeto desenvolve-se através de cinco módulos, na sua justificativa programática: o primeiro módulo que agrega o centro de reuniões e congressos revela um pensamento perpendicular face a frente do Mosteiro dos Jerónimos e alinhado aos pináculos do Museu de Arqueologia. Percorrendo para um segundo módulo dedicado ao espetáculo onde incorpora o grande auditório que foi, com a evolução do projeto acrescentada a torre que alberga toda a caixa de Palco. No terceiro módulo está presente o espaço expositivo destinado ao museu e galerias, representada por uma malha mais doméstica face a sua proximidade com o bairro do Bom Sucesso. O quarto e quinto módulo, não construídos, representariam um conjunto hoteleiro e equipamento complementar de apoio ao centro respetivamente<sup>23</sup>. Esta

**22.**DIAS, Manuel Graça et al. Centro Cultural de Belém. Disponível em: [bit.ly/3DGS3qW](https://bit.ly/3DGS3qW)

**23.**SALGADO, Manuel. Entrevista a Manuel Salgado. Disponível em: [bit.ly/3AI9B3M](https://bit.ly/3AI9B3M)

variedade de espaços, composta por ruas, rampas, pontes, praças e terraços transformam o que poderia ser um edifício fechado para si próprio, numa pequena cidade aberta.

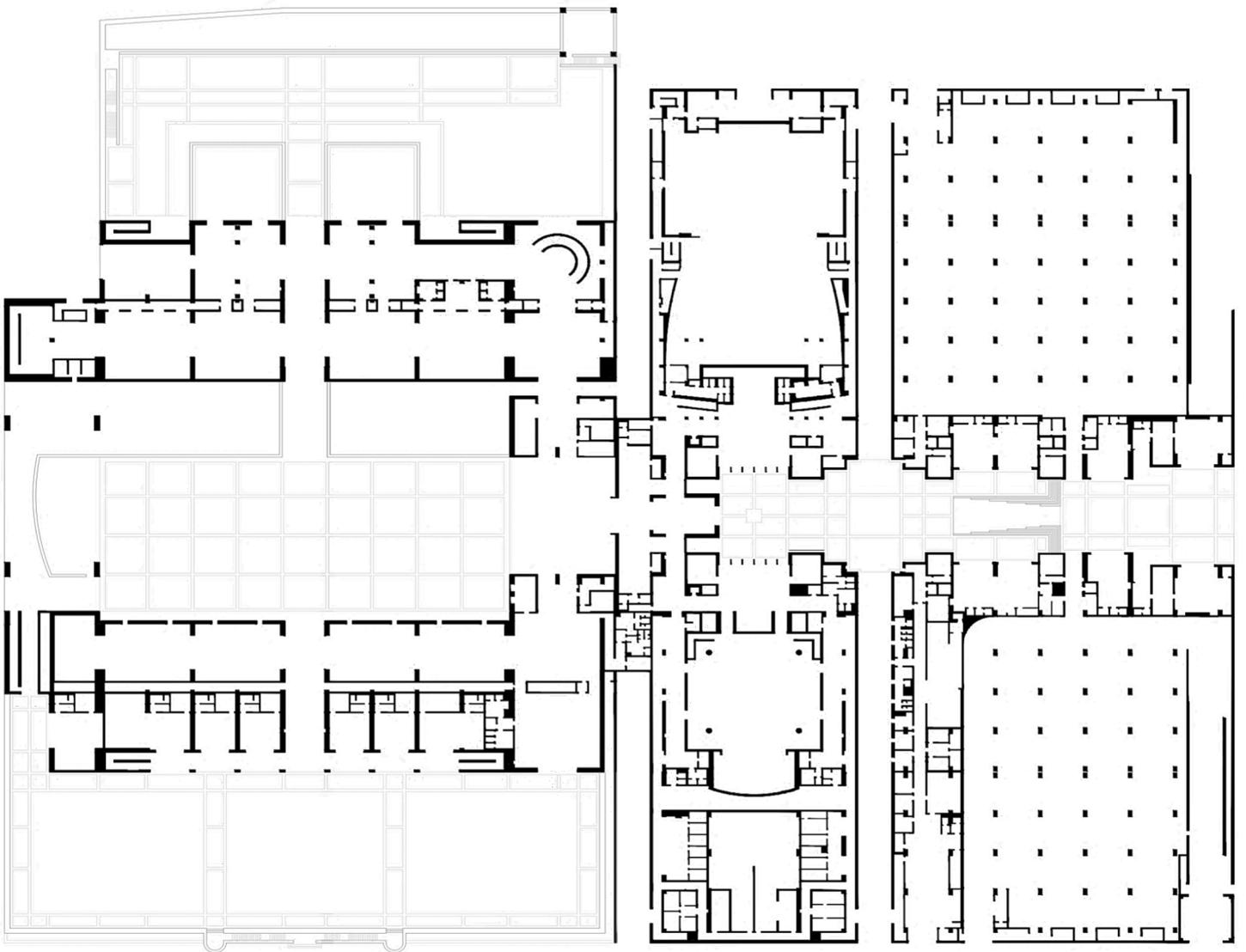
O Centro Cultural de Belém retrata então, um momento de concretização cultural, que se declara como pólo da cultura na vida urbana. Onde estabelece um caráter monumental unificador de toda a cidade.



25 Entrada norte , Giovanni Amato



26 CCB, Cidade Aberta, Daniel Malhão (2014)



27 Plantas módulos 1,2 e 3. à cota 9m



**FACULDADE DE ARQUITETURA, JOÃO VILANOVA ARTIGAS (SÃO PAULO, 1961)**

A Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, enunciada pelo seu jogo de contrastes, foi projetada pelo arquiteto brasileiro João Vilanova Artigas em colaboração com Carlos Cascaldi em 1961. Com premissas na era da construção em betão aparente, de modo a explorar novas soluções estruturais, abriu portas a novas direções arquitetónicas, especialmente para grupo de arquitetos brasileiros da escola paulista.

O trabalho de Artigas combinou o betão e vidro, através de linhas mestras e simples que integram e caracterizam o espaço como edifício económico e funcional. O projeto desencadeia-se através de uma grande caixa em betão sustentada por pilares em forma de pirâmide apoiados no solo que se estendem de modo a alinhar com as paredes do enorme volume de betão. Onde se pode traçar uma analogia entre estas colunas e o desenho das colunas clássicas, onde a pirâmide funciona como o eixo e o triângulo superior invertido representa o capitel.

No corpo central, surge o átrio, nomeado de Salão Caramelo<sup>24</sup> que desenvolve todo o programa. A utilização do vidro, e a livre circulação entre os pisos, que se interligam por rampas de inclinações variáveis em pisos intermédios, proporcionam uma sensação de continuidade espacial a este ambiente. Fazendo todos os espaços deste conjunto educacional conectados, sublinhando a necessidade de convivência e um sentido de consciência coletiva.

O arquiteto aplicou o princípio da iluminação zenital, com claraboias gradeadas na cobertura que iluminam salas de seminários. A cobertura, de 110 metros de comprimento e 66 metros de largura, apresentada por uma grelha de vigas de secção triangular, ao qual emolduram módulos, de 2,75 metros quadrados, que são seladas com planos translúcidos feitos a partir de fibra de vidro<sup>25</sup>.

**24.**Nome que faz referência ao piso monolítico do edifício, característica obtida através de resina pigmentada aplicada diretamente sobre a laje de betão armado.

**25.**FRAMPTON, Kenneth - Vilanova Artigas and the School of São Paulo. p.4.

Esta cobertura em grelha expandiu os limites interiores do átrio, que tem uma conotação de unificador de entidades surge com dois corpos laterais, nomeadamente a biblioteca, através de uma estrutura suspensa, e o outro corpo representado pelo museu em nível intermédio.

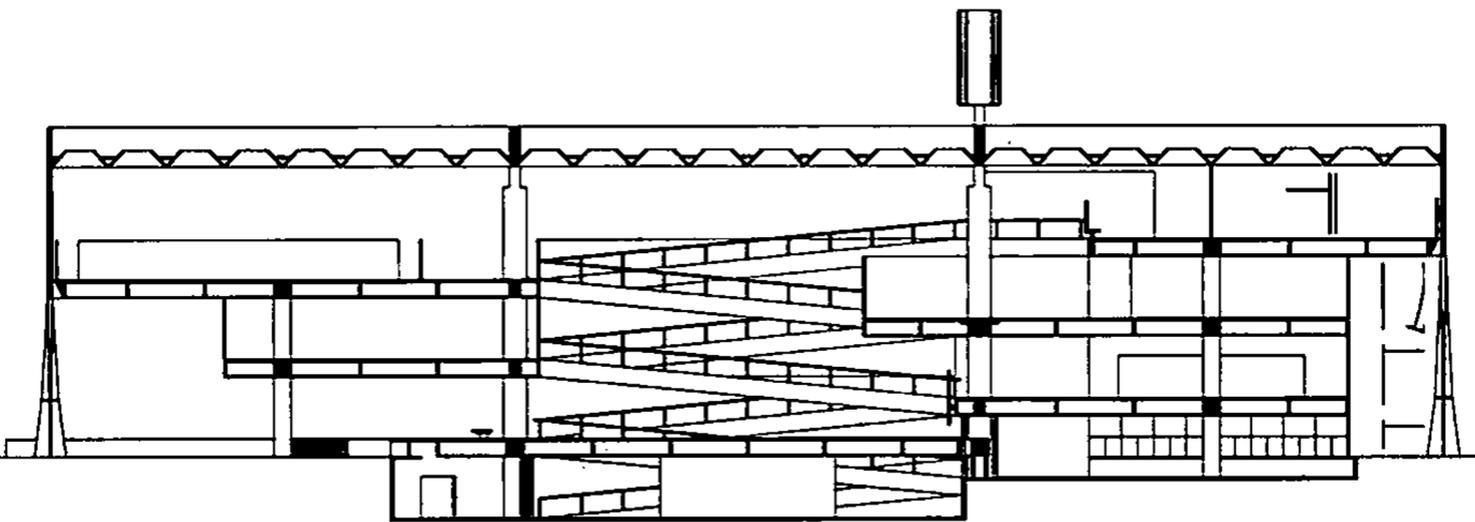
Artigas desenvolve assim, uma linguagem arquitetónica própria que procura uma síntese entre a arquitetura orgânica e as teorias racionalistas, em que os seus espaços abertos e interligados materializaram o carácter multidisciplinar da proposta educativa.



29 Vista parcial da varanda e entrada a sudoeste, Nelson Kon



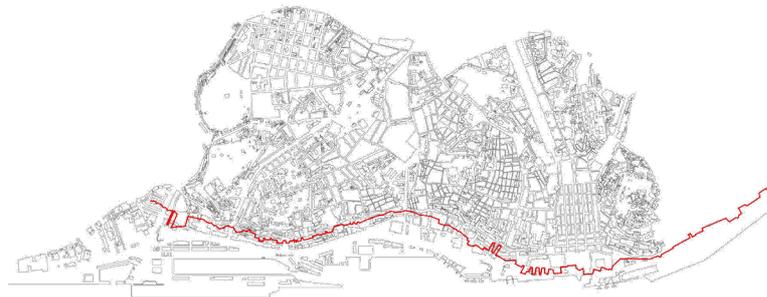
30 Vista do espaço central do edifício, Salão Caramelo



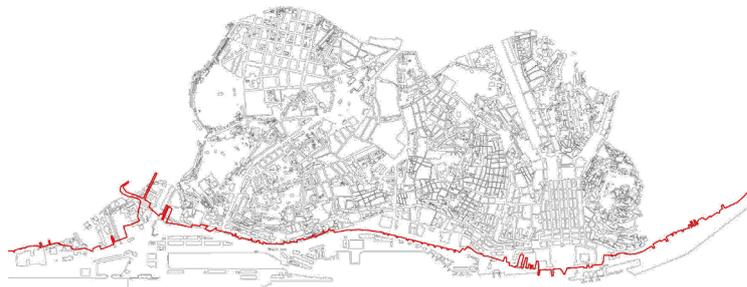
31 Corte, João Vilanova Artigas e Carlos Cascaldi



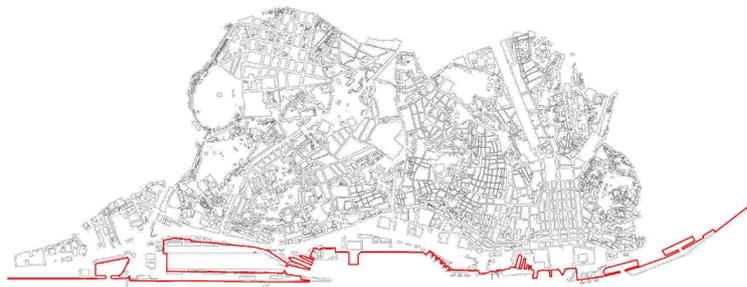
O LOCAL: ATERRO DA BOAVISYA



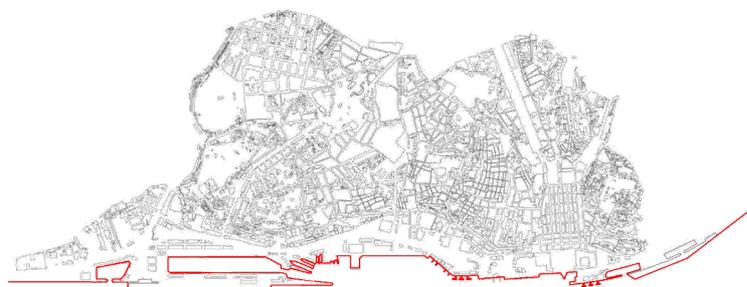
1780



1856-58



1904-11



1950

33 Evolução da linha de costa

O lugar onde se pretende intervir não é só um lugar, é também história, memória e acontecimento. Recuando a narrativa do local, ainda no século XIX, o bairro da Boavista, na antiga freguesia de Santos-o-Velho, era conotado como um dos principais bairros industriais de Lisboa, pela Rua da Boavista, na altura, a artéria de Santos, que se estendia essencialmente por barracões, armazéns, cais e estaleiros que se articulavam com o Tejo através boqueirões. Futuramente, ainda neste século, um surto de epidemias provocou uma onda mortífera que atingiu Lisboa<sup>26</sup>, tornando indispensável a necessidade de aterrar a praia da Boavista, desenvolvendo o primeiro grande aterro sobre o rio.

Os aterros, são certamente, uma das maiores estruturas realizadas pelo homem, a favor da atividade portuária, esta grande obra pública modificou a frente ribeirinha de Lisboa, através do enchimento de terras, uma nova linha extensa é desenhada ao longo do rio, que reservava esta margem para uso portuário, sendo uma epígrafe para a instalação do porto de Lisboa. Posteriormente, com a conclusão da linha férrea do Cais do Sodré a Cascais, e as duas grandes vias paralelas à linha do comboio, nomeadamente a Avenida 24 de Julho e a Avenida Brasília, vieram alterar a relação entre a cidade e o rio, a qual tornou este lugar cada vez mais afastado da frente do Tejo.



**26.**“Epidemia de Febre Amarela em Lisboa, no Anno de 1857”. p.18-22. Disponível em: [bit.ly/3ID0TQ8](http://bit.ly/3ID0TQ8)

**34** Construção do aterro. Porto de Lisboa

Com o passar do tempo, fez-se sentir o declínio da atividade portuária, onde os portos foram desativados ou transferidos para outros locais de maior área, o que fez com que este espaço se tornasse um vazio. Apesar destes acontecimentos, é relevante a importância da frente ribeirinha de Santos para Lisboa, quer pela sua influência na criação da imagem da cidade, como também a sua proximidade ao plano de água, apesar de descontextualizado, é expectante em oferecer uma nova dinâmica nas vivências da cidade.

Durante o fim do século XX e o início do século XXI, a frente ribeirinha de Santos permaneceu como única zona portuária no centro de Lisboa, caracterizada pelos armazéns maioritariamente devolutos, tornou-se necessário repensar a formação deste lugar, através de padrões que procuram a reestruturação e revitalização desta margem. Neste contexto, da autoria do arquiteto João Luís Carrilho da Graça, realizou-se um Plano de Pormenor<sup>27</sup>, que tem por base a reformulação do Aterro da Boavista ponte, através do desenho de novos edifícios perpendiculares ao rio, remetendo à memória dos alinhamentos dos antigos boqueirões, que mantêm a origem do lugar.

Este território, delimitado entre a Rocha Conde D'Óbidos e o Interface do Cais do Sodré, apresenta-se como uma longa linha horizontal marcada de maneira silenciosa pelos armazéns descuidados, onde a sua monumentalidade começa onde o porto acaba, através de uma linha permanente que olha para o rio, na esperança do silêncio do vazio despertar o espaço que se espera recompor.

**27.** CARRILHO DA GRAÇA, João Luís - Plano de Pormenor, Aterro da Boavista Ponte 2017. Disponível em: [bit.ly/3lDvwVJ](https://bit.ly/3lDvwVJ)



35 Barcos de Pesca na Ribeira Nova, Cais do Sodré



36 Barcos de Pesca na Ribeira Nova, Cais do Sodré



37 Ribeira Nova, Cais do Sodré

## CONTEXTO URBANO

O Aterro da Boavista, como foi referido, é uma área devoluta com uma imagem de abandono na cidade e com uma densa barreira física. Portanto, é indispensável refletir sobre este território, definir as suas fraquezas e procurar oportunidades que dinamizem este espaço. Nesse sentido, através de uma análise do local foram expostos três impactantes problemáticas que visam ser o mote para o desenvolvimento do projeto.

O primeiro problema está associado a falta de acessos, sobretudo, no lado sul da linha do comboio. A dificuldade de acessos entre o centro urbano e a sua frente de água podem condenar, diretamente, os espaços públicos presentes nesta área, tendo a mobilidade e a acessibilidade como pontos determinantes na qualidade do espaço público, a falha destas condições pode suceder o local ao abandono. Apesar da forte valência dos eixos viários da Avenida 24 de Julho e da Avenida Brasília, e da linha férrea de Cascais ao Cais do Sodré, para transporte de pessoas e bens, neste local, é evidente na separação física que impõe a cidade. Esta fragilidade resulta também da insuficiência de travessias ao longo desta margem, sendo a área de estudo compreendida numa extensão de cerca de 1,5km apenas existe um momento de travessia compreendido no apeadeiro de Santos. O que denomina os existentes espaços públicos, como espaços isolados, sem qualquer tipo de relação. Neste sentido, surge a necessidade de reivindicar o espaço, agora vazio, para um lugar pertencente a cidade e aos seus utilizadores.

Outra problemática encontrada está presente na escassez de espaços verdes, não obstante os espaços expectantes que poderiam gerar através do espaço público com áreas verdes de lazer com o rio como pano de fundo. Nesta observação constatou-se, que nos limites do local em estudo, as zonas verdes subsistem apenas no lado norte da linha do comboio, nomeadamente na extensão da Avenida 24 de Julho, no Jardim Nuno Álvares e no Jardim Dom Luís.

Torna-se então fundamental repensar o espaço de modo a criar uma relação maior com a cidade, resultando de uma dinâmica social para atrair um maior número de pessoas.



38 Apeadeiro de Santos. Fotografia tirada pela autora



39 Aterro da Boavista. Fotografia tirada pela autora

Por último, com uma inquietação perante as questões ambientais, resultou uma observação particular para a subida do nível médio da água do mar na frente ribeirinha de Lisboa, num horizonte de cerca de oitenta anos, até 2100. Este fenómeno apresentou duas fragilidades: primeiramente devido às alterações climáticas e o conseqüente degelo dos polos, assim como, o retrocesso das geleiras a nível mundial; em segundo lugar, incidindo diretamente sobre zona de estudo, devido a quantidade de linhas de água e a sua acumulação, nos seus fins de vale que originam suscetibilidade a cheias rápidas, e a sua proximidade com o Tejo e conseqüente ondulação.

A frente ribeirinha de Lisboa, segundo dados do mapa de suscetibilidade ao efeito direto de maré, fornecido pela Câmara Municipal de Lisboa aponta que esta zona pode ser afetada por uma subida do nível da água do Tejo a cota 5<sup>28</sup>, onde o período atual de preia-mar encontra-se na cota de 2, passaria então a cota de 4 metros neste cenário, ou mesmo a cota de 5 metros<sup>29</sup>, em relação a cota atual, em caso de ocorrência de fenómenos extremos como tempestades e ondulação, por precipitações intensas que são frequentes cerca de duas vezes por ano. Nesse sentido, é necessário processos de adaptação como: o recuo – através do consentimento da inundação de determinadas zonas e proteção de outras mais delicadas, e na transferência de infraestruturas para um terreno seguro; a defesa – mediante a garantia que a água não entra em ambiente contruído existente; e por fim o ataque – que consiste na criação de um limite que se expande sobre a cidade.<sup>30</sup>

Nesse sentido, a intervenção na frente ribeirinha deve consistir na reformulação da envolvente, protegendo todo o ecossistema que é a própria cidade e o rio, partindo do objetivo principal de se reaproximar ao Tejo. Através da interatividade dos diversos espaços, com a oportunidade de desenho urbano de espaços verdes de recreio e lazer, quer como na requalificação dos edifícios, atribuindo-lhes novas funções de acordo com as necessidades atuais, e travessias possibilitando a continuidade da cidade ao percurso ribeirinho. Com a intenção

**28.** CML. Disponível em: [bit.ly/3BGj9Oe](http://bit.ly/3BGj9Oe)

**29.** KULP, S.A, STRAUSS, B.H New elevation data triple estimates of global vulnerability to sea-level rise and coastal flooding.

**30.**RIBA & ICE - Facing up to rising sea levels: Retreat? Defend? Attack?.

de interligar todas as componentes urbanas, através do espaço, o edificado, as vias, as pessoas e o rio, tornando a frente ribeirinha de Lisboa, um centro de novas vivências e dinâmicas.



40 Avenida 24 de Julho, Inundações 1945, Judah Benoliel



41 Boqueirão do Duro, Inundações 1945, Judah Benoliel





42 Zona de intervenção, suscetível a subida a cota 5 do nível médio da água

## CONCEITO E PROPOSTA

No desenvolvimento da estratégia para a frente ribeirinha de Lisboa, a proposta recai sobre a observação do lugar e as suas relações envolventes com o território, através da investigação realizada, pelo estudo da evolução histórica, a relação com o rio e o espaço, bem como as suas problemáticas. Esta sequência possibilitou chegar aos alicerces que o projeto propõe solucionar, tendo como ponto de partida a primordialidade de fortalecer a relação entre a cidade e o rio, ao articular o que outrora era descontínuo a Lisboa.

Através da metodologia de investigação desta proposta foi importante perceber a importância do espaço público, onde é tomada uma consciência crítica sobre o uso do espaço urbano, através do assentamento da paisagem, por espaços verdes qualificados, praças e travessias. Estas, passam a ser manifestações respeitadas no processo de desenho urbano deste projeto, onde a composição traduz-se pela métrica gerada através dos eixos da malha urbana e edificado existente, dando origem a um desenho formalmente retangular com uma direção horizontal predominante, onde as cérceas das intervenções se assemelham às construções envolventes, respeitando a extensão do *skyline* da frente ribeirinha de Lisboa.

O mote desta proposta, assume a função de espinha dorsal de toda a ideia de projeto, através de um percurso pedonal numa plataforma que se eleva a 1,5m das margens do rio<sup>31</sup>, num plano que se dobra num pequeno pódio que permite que o olhar se estenda acima da linha ribeirinha.

Esta plataforma surge como peça regeneradora do espaço, que proporciona uma forte relação com o rio e com a cidade. Num ténue jogo de cheios e vazios, através de diferentes cotas.

A plataforma compreende-se na sua envolvente pelos antigos armazéns a norte, e a Sul pelo Tejo, onde a linha arbórea da Avenida 24 de Julho, leva-a a assumir a ramificação de uma estrutura verde na cota mais elevada, que origina um percurso

**31.** Elevação de 1,5m sobre a cota atual do aterro de 3,60m.

pedonal continuo assumindo um novo parque ribeirinho, que serviria como “fortificação” de defesa com o intuito de proteger a cidade contra uma eventual subida do nível médio da água do mar.



43 Vista geral sobre o projeto

A cota desta plataforma eleva-se 1,5m acima do nível atual do aterro, foi definida esta altura numa ordem de visão para a cidade e o rio, como também, pelo limite, face ao tipping point<sup>32</sup> da cota de 5 metros apresentado no mapa de suscetibilidade ao efeito direto de maré pela Câmara Municipal de Lisboa, e previsão do IPCC no horizonte de 2100<sup>33</sup>.

Como solução para revigorar a relação da cidade com o rio, o projeto inclui duas passagens pedonais a uma distância de cerca de 500 m entre elas, onde a nascente, beneficia da ligação existente com o apeadeiro de Santos, que o torna uma artéria conectada ao coração da plataforma elevada que atravessa barreiras e liga-se a cidade de frente para o Jardim Nuno Álvares. A segunda passagem, a poente deste território, com base no Plano de Pormenor do arquiteto João Luís Carrilho da Graça<sup>34</sup>, é criada através de uma ligação norte-sul, cidade-rio, pelo enfiamento existente entre a nova sede da EDP e o edifício Promenade, uma extensão para o Tejo que a remata em miradouro panoramicamente sobre o aterro.

A partir dos acessos rampeados e em escada, da cota desta plataforma até a cota do aterro atual, a Norte, foi proposto um rasgo na malha, que adota um papel de praça de água conferindo um espaço dinâmico e propício a diversas relações com a cidade. Esta praça, assume uma estratégia de recuo que passa pela permissão da entrada de água nesta área com cota mais baixa, sendo um ponto possibilitador de momentos de observação, paragem e travessia. A praça de água adjacente com os antigos armazéns, que agora tomam um carácter de comércio e serviço aberto ao público.

No plano da plataforma, pela continuação da extensão verde, é idealizada uma escola de artes performativas, dedicada ao ensino da música, dança e teatro, através dois volumes interligados que se unem através espaço exterior, por um grande pátio que abre portas para o crescimento da cultura neste lugar. A implantação desta escola intencionalmente, incorpora os elementos naturais do lugar, proporcionando qualidades através da luz e do espaço.

**32.**Ponto sem retorno no face a subida das águas do mar.

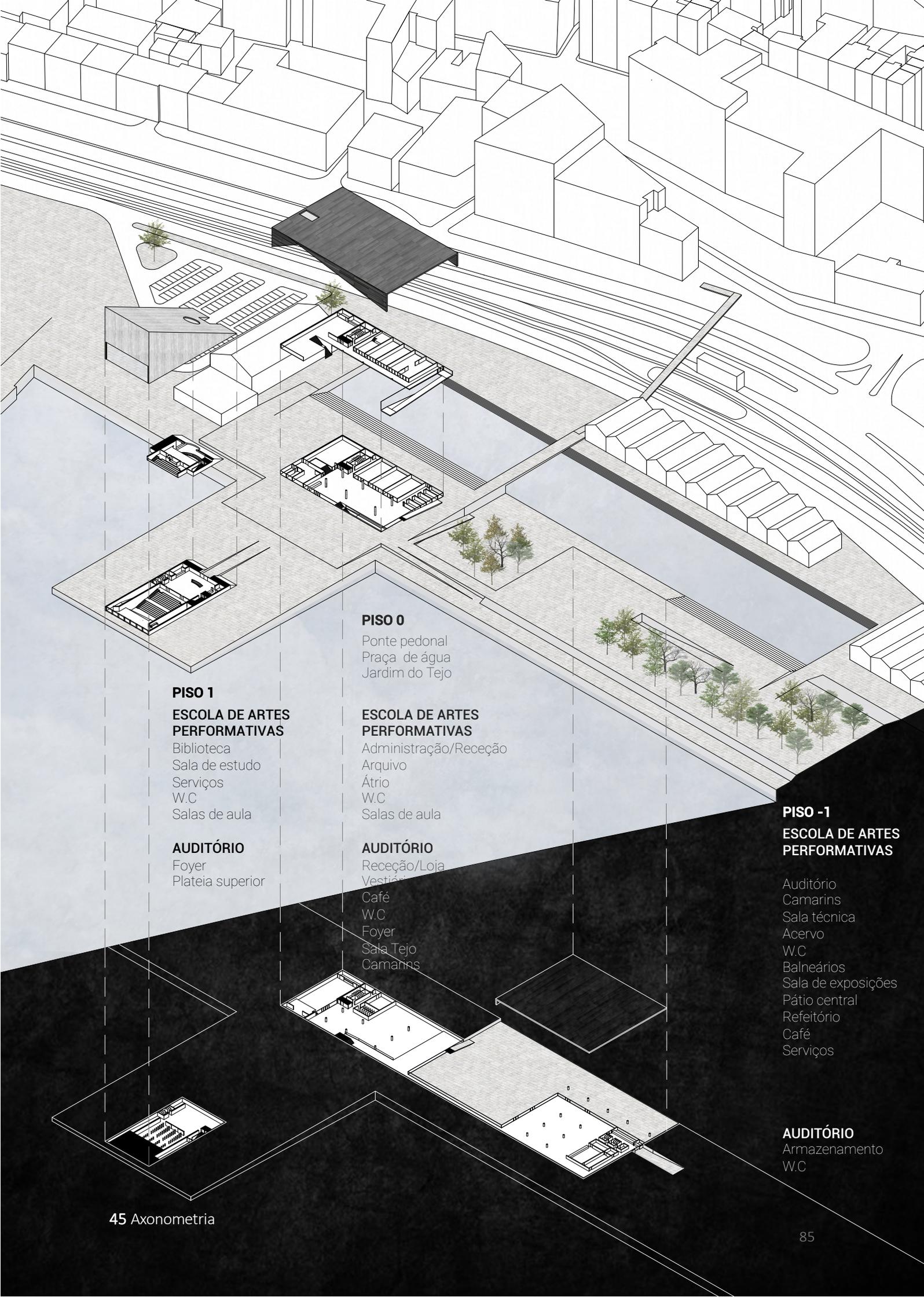
**33.**IPCC - Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability.

**34.**GRAÇA, Carrilho da - Plano de Pormenor, Aterro da Boavista Poente 2017. Disponível em: [bit.ly/3lDvwVJ](http://bit.ly/3lDvwVJ)



44 Vista sobre a praça de água e escola de artes





**PISO 0**

Ponte pedonal  
Praça de água  
Jardim do Tejo

**PISO 1**

**ESCOLA DE ARTES PERFORMATIVAS**

Biblioteca  
Sala de estudo  
Serviços  
W.C  
Salas de aula

**ESCOLA DE ARTES PERFORMATIVAS**

Administração/Receção  
Arquivo  
Átrio  
W.C  
Salas de aula

**AUDITÓRIO**

Foyer  
Plateia superior

**AUDITÓRIO**

Receção/Loja  
Vestibulário  
Café  
W.C  
Foyer  
Sala Tejo  
Camarins

**PISO -1**

**ESCOLA DE ARTES PERFORMATIVAS**

Auditório  
Camarins  
Sala técnica  
Acervo  
W.C  
Balneários  
Sala de exposições  
Pátio central  
Refeitório  
Café  
Serviços

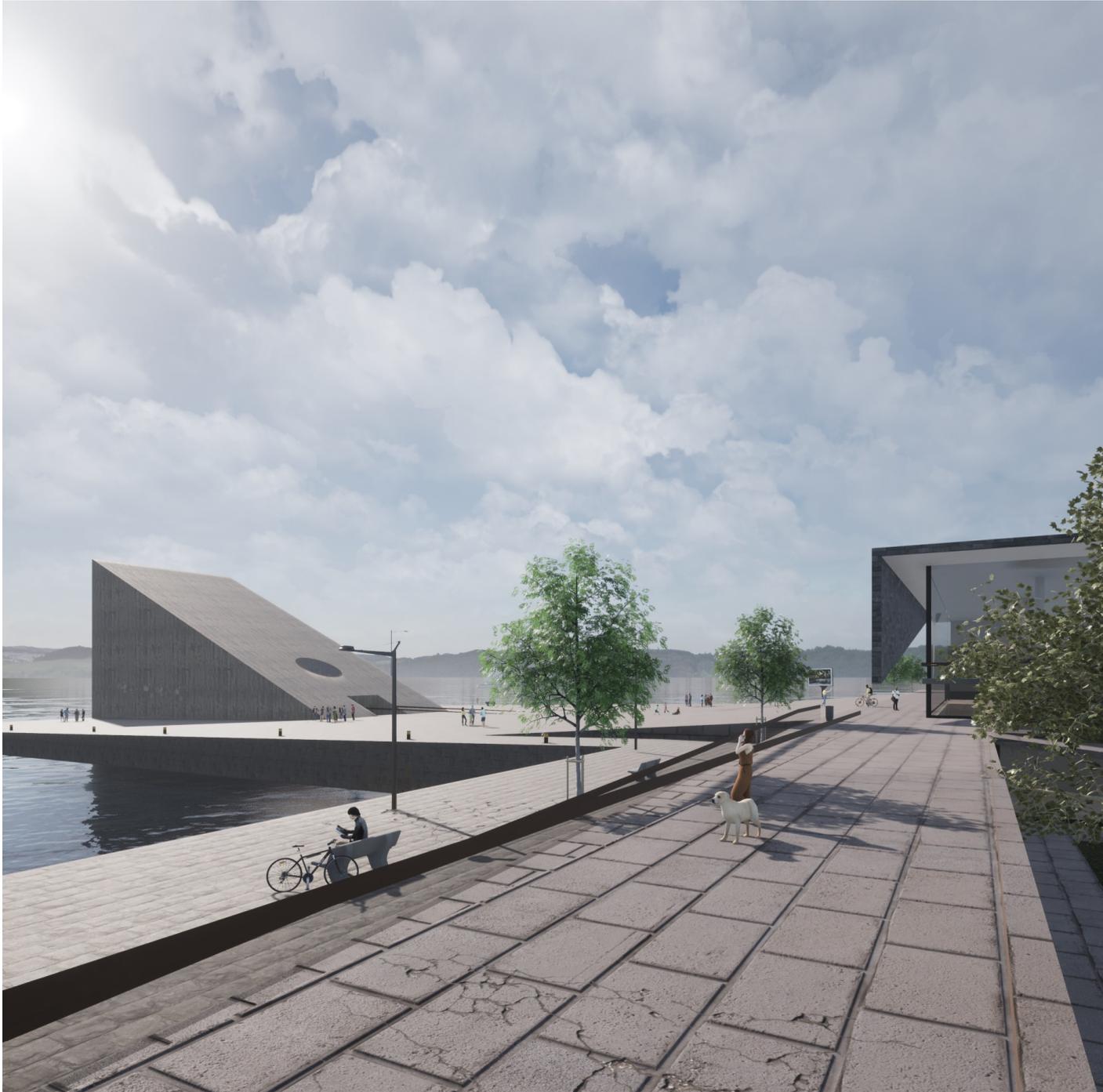
**AUDITÓRIO**

Armazenamento  
W.C

No decorrer do *E-book* 1: “Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021”, foi relevante perceber a importância das intervenções como marco para a frente ribeirinha, onde apesar da sua singularidade, é claro o conjunto estruturador na frente da cidade. Para isso, é considerável, reconhecer a memória implícita no lugar de intervenção, integrando a tradição, a cultura e identidade, de modo a invocar a lembrança do lugar. Para tal, nesta proposta, a sul, deu-se a diluição do aterro, em espécie de praia, no “pontão” de Santos remetendo a memória da linha de costa do século XVIII<sup>35</sup> e em celebração da cultura.

Na vertente programática desta proposta, sucede-se a criação da Sala Tejo, um edifício que pretende pertencer ao extenso plano de rio, associado às variações de maré ao longo do dia, onde em momentos de preia-mar ficaria semi-inundado, criando através do rio, espelhos de água na sua envolvente.

**35.**1780 - Planta Topographica da Cidade de Lisboa. Disponível em: [bit.ly/3lD7EKY](https://bit.ly/3lD7EKY)



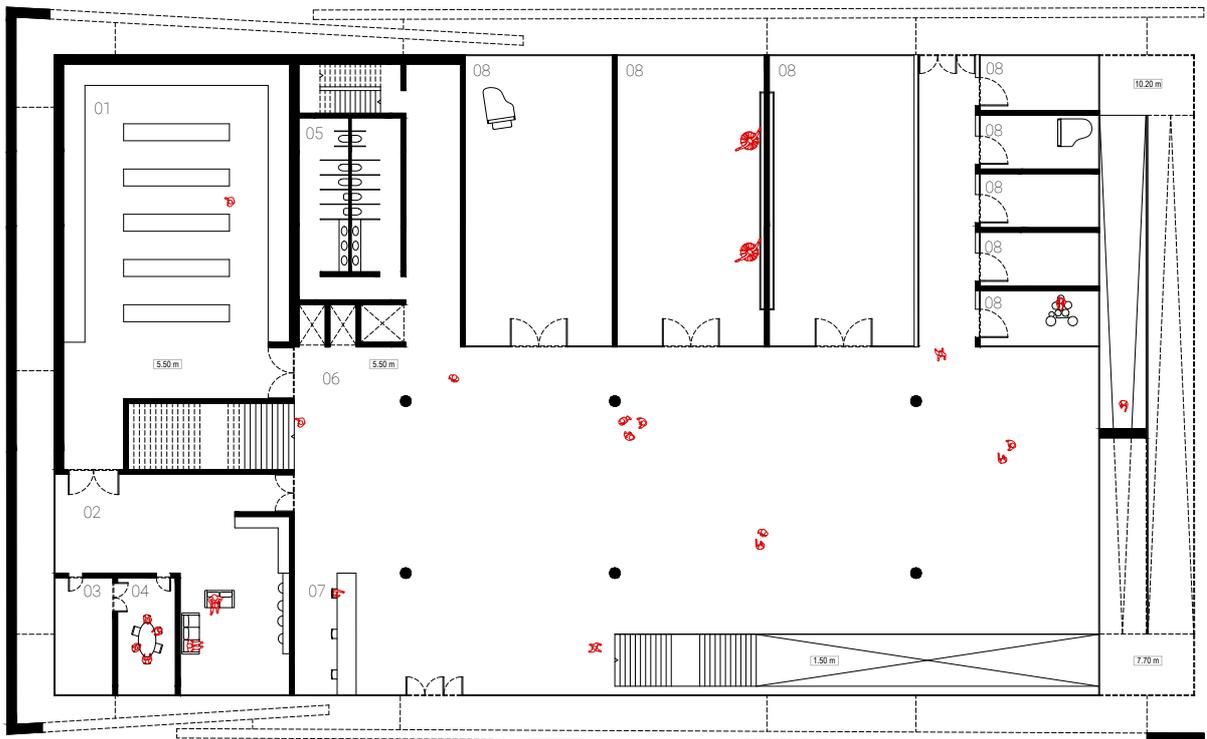
46 Vista do auditório sobre o pontão de Santos

Para pensar o espaço, foi importante perceber a importância da relação, interior e exterior. É no plano principal da plataforma, que se desenrola o acesso da escola, quer pela cidade, quer pelo Tejo, ou a poente, por rampas largas, que ligam visualmente aos patamares. Ao subir, percebe-se a demarcação programática da escola através do pátio que se desliza sobre a praça de água. Este conjunto propõe dois blocos programáticos. O primeiro direcionado à aprendizagem e à componente expositiva, e, o segundo ao espaço comum, que, enquanto fachada, envolve-se por uma mancha arbórea oferecida a plataforma.

O primeiro bloco é evidente a intencionalidade da observação permanente sobre a cidade e o rio, organizado em três pisos, e definido por uma forma pura retangular. O piso térreo corresponde à configuração de um espaço convidativo e aberto a todos, através de um átrio onde se pode contemplar o rio. É a partir daqui que se desenrola o programa de cariz educacional, e onde se localiza o espaço de estudo, através de salas de música, dança e teatro. A aprendizagem e a criação ocorrem, pensadas como um espaço de contemplação e por conseguinte orientado essencialmente para o rio. Ainda neste piso, é pontuado pelos espaços de receção, e local de docentes. Num piso superior em continuidade com as salas de aula, projetou-se uma biblioteca e sala de estudo, em meio piso, pensada como um espaço livre para o conhecimento quer através da leitura, quer da observação do lugar.

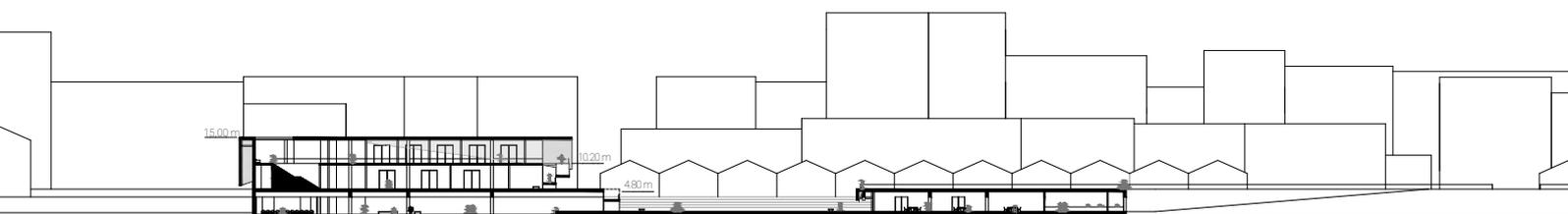
Sobre o átrio é possível também chegar ao espaço de exposições. Este espaço, subterrâneo à plataforma, confere um momento de vislumbre sobre o pátio exterior, como se o mesmo de uma exposição se tratasse, onde agrega, adjacente à zona de exposições, um espaço híbrido de auditório com uma plateia plana, balneários e um pequeno armazém de acervo a infraestruturas essenciais as diversas necessidades. A definição deste espaço, foi tratada como área interior, mas com uma grande pertença ao exterior, e que procura evidenciar o convite para o espaço urbano, através de um caminhar de nascente

para ponte, entre transições de água e verde, proporcionadas pelo pátio e pela praça. Através deste percurso desenvolve-se o espaço comum, direcionado à zona de refeições e serviços, que corresponde ao bloco mais a oriente sob a plataforma, em que as suas características espaciais oferecem um espaço dinâmico envolvido com momentos de observação e repouso sobre Lisboa.



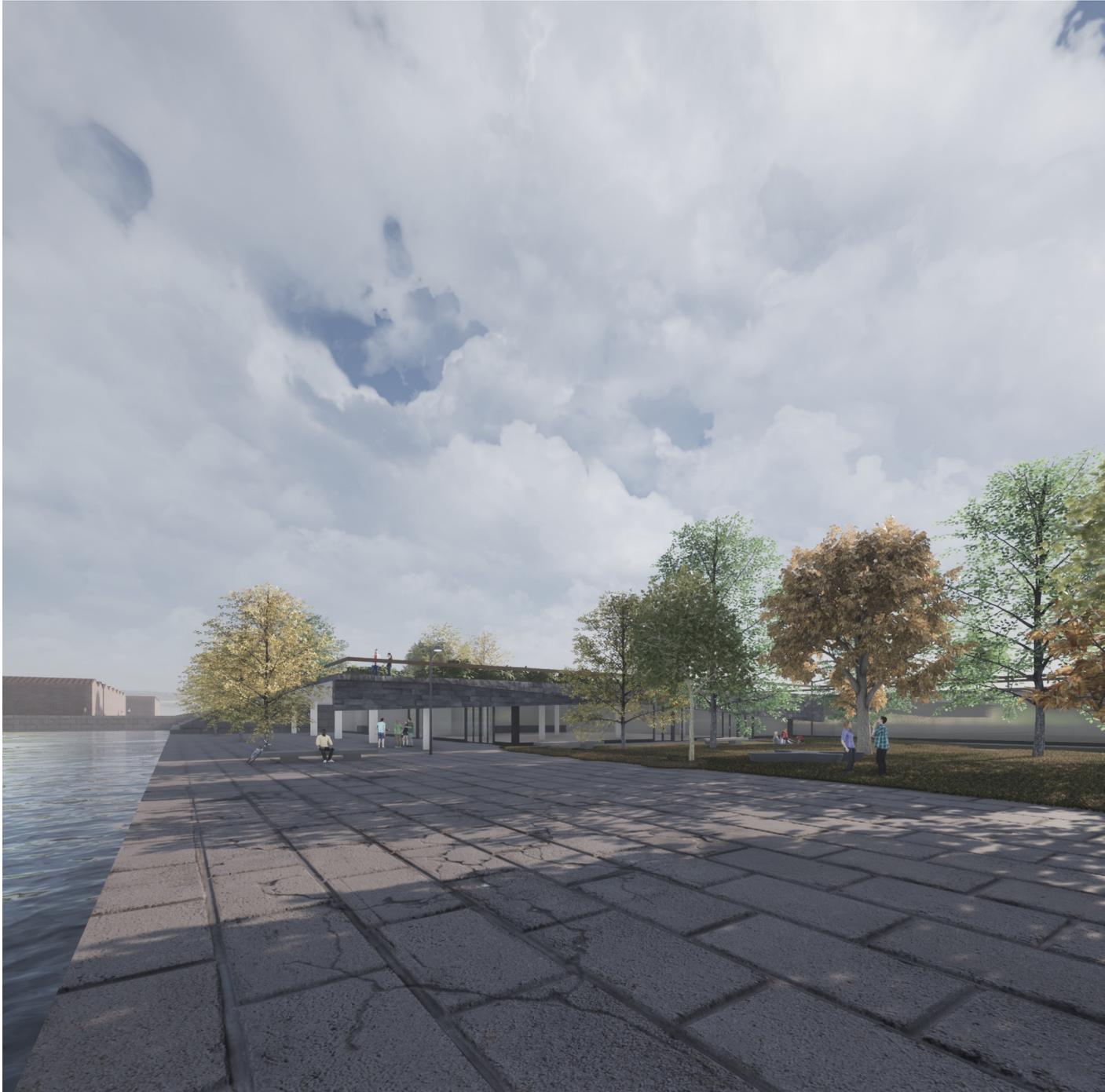
47 Planta piso 0

- |                       |                  |
|-----------------------|------------------|
| 01 Arquivo            | 05 W.C           |
| 02 Sala de estar/Copa | 06 Átrio         |
| 03 Sala da direção    | 07 Recepção      |
| 04 Sala de reuniões   | 08 Salas de aula |

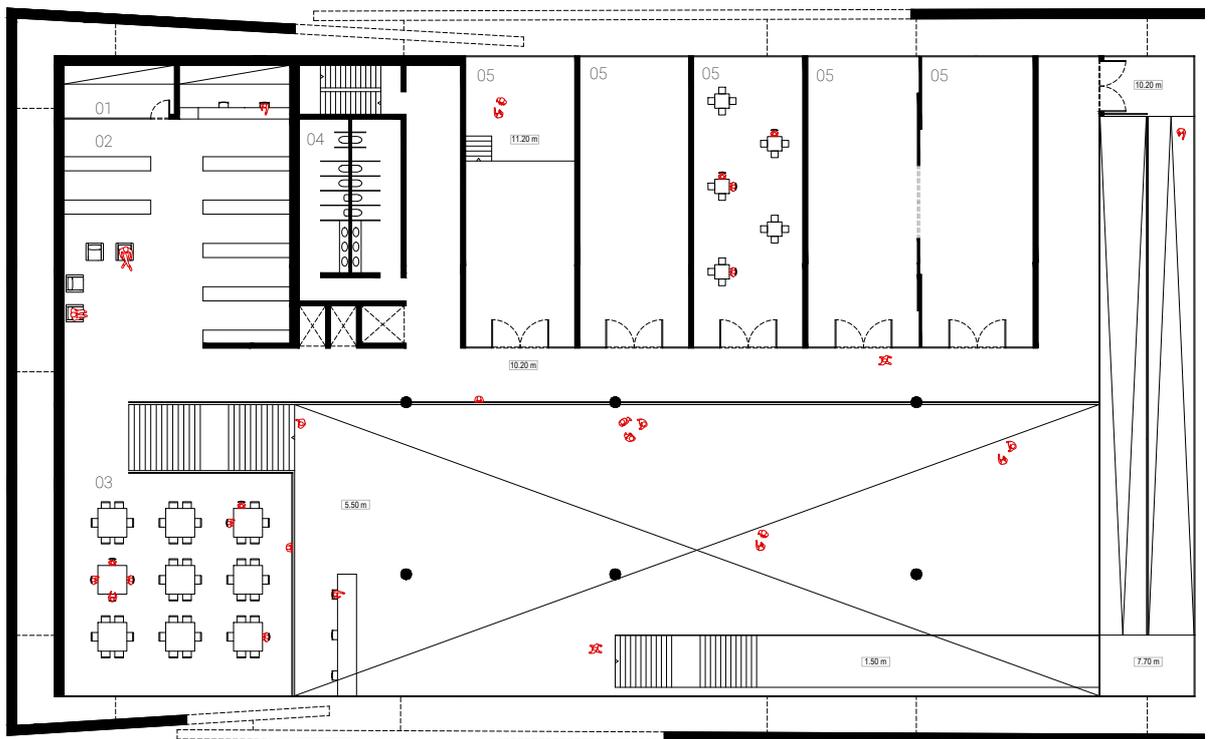


48 Corte longitudinal





49 Vista pátio central e relação com a escola e praça de água



50 Planta piso 1

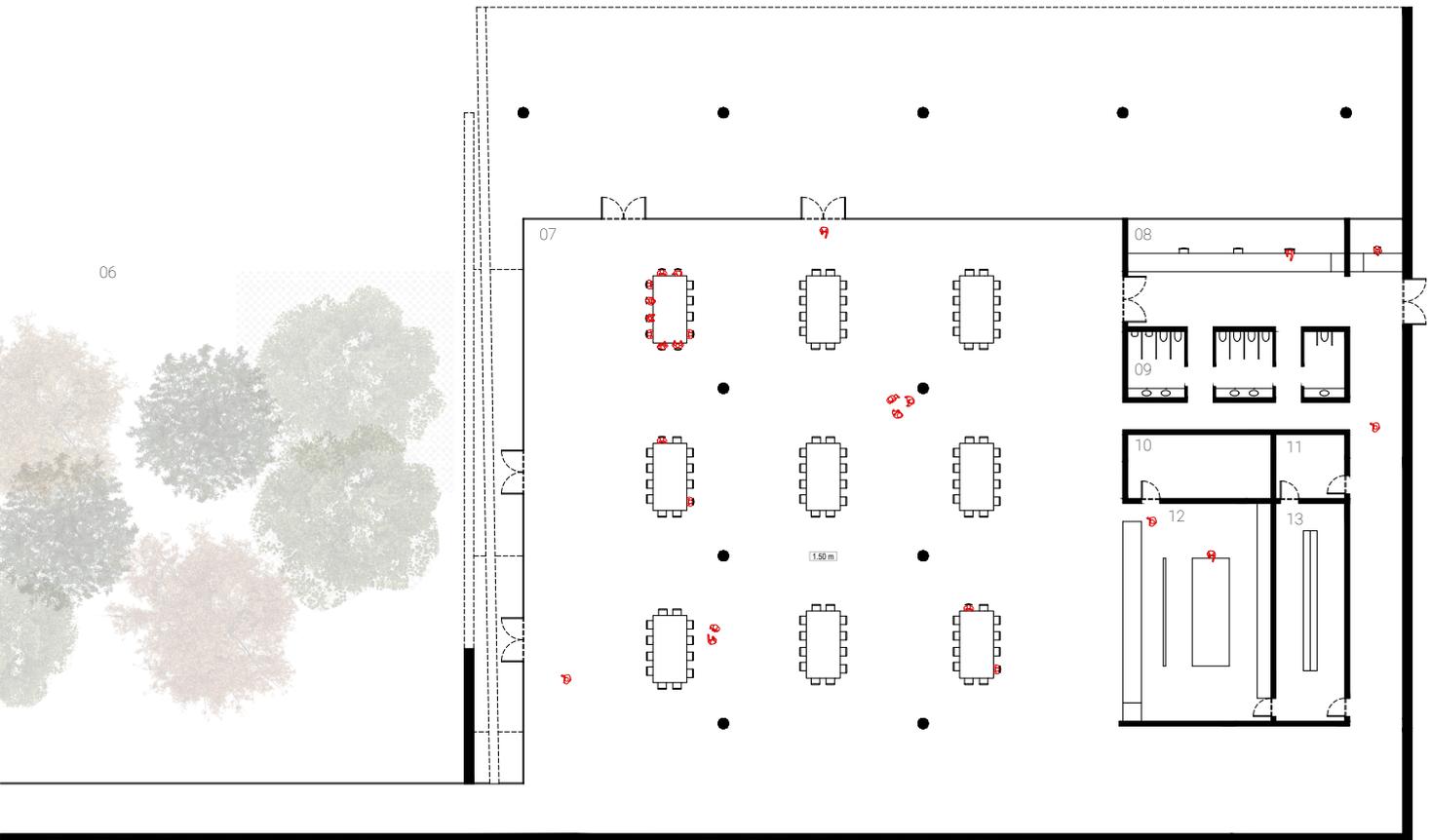
- 01 Serviços
- 02 Biblioteca
- 03 Sala de estudo
- 04 W.C
- 05 Salas de aula





52 Planta piso-1

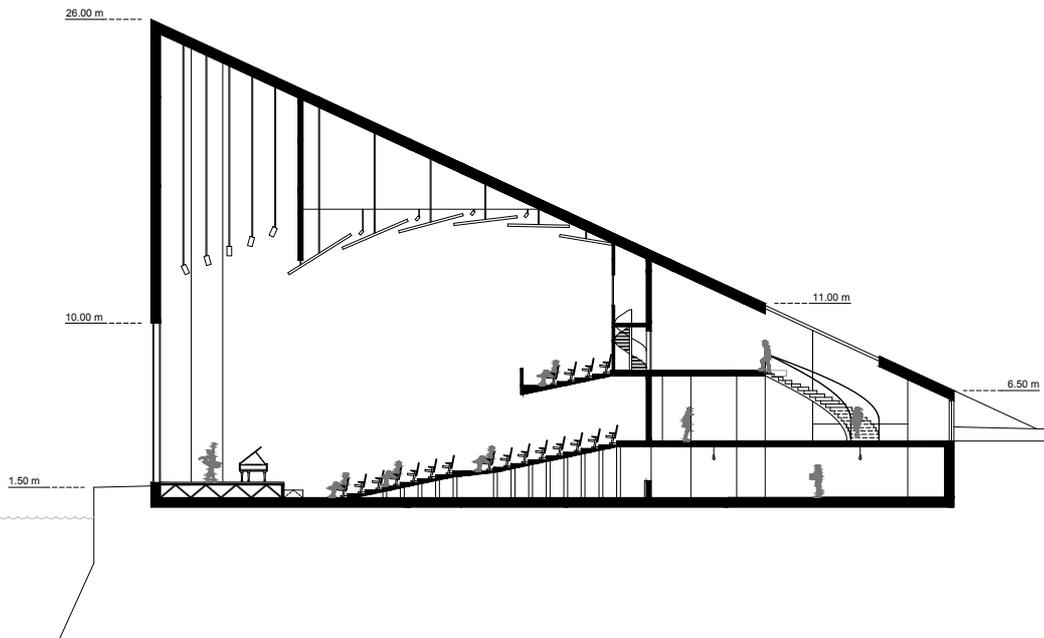
- |                       |               |
|-----------------------|---------------|
| 01 Auditório          | 08 Serviços   |
| 02 W.C                | 09 W.C        |
| 03 Acervo             | 10 Despensa   |
| 04 Balneários         | 11 Arrumos    |
| 05 Sala de exposições | 12 Cozinha    |
| 06 Pátio central      | 13 Vestiários |
| 07 Refeitório/Café    |               |



A sul, a Sala Tejo, assume a forma de um prisma triangular, exibido no pontão, onde a leitura do espaço se realiza através dos seus cinco planos que constituem um programa cultural de artes performativas, de modo a estabelecer um novo polo que reforça a capacidade das restantes fundações artísticas na cidade de Lisboa.

A Sala Tejo assume-se deste modo, na conceção espacial dos ambientes, desenrolando-se sobre um piso subterrâneo, que se define como neutro, pois alicerça toda a dimensão programática que se realiza na restante parte. Neste piso é possível a transição direta dos artistas, do espaço de preparação, nomeadamente vestiários e camarins, até ao palco. Este piso neutro, devido a sua função estereóbata serve também para armazenamento de cenários e instrumentos.

Na estrutura dos acessos, traduz-se o piso térreo de duplo pé direito, com uma entrada sublime que constitui um grande espaço vazio caracterizado por momentos de luz natural superior que potencializam a espacialidade do edifício, podendo contemplar as mais diversas atividades de promoção cultural. É também assinalado pela posição pontual da receção, da loja, da cafetaria e das instalações sanitárias tornando zona de permanência para o público, antes e após o espetáculo. No mote deste edifício temos a própria Sala Tejo, acedida pelo piso térreo ou pelas escadas quase teatrais que conduzem o público às bancadas superiores, direcionado a um palco onde se pode contemplar a chegada ao rio, através de um grande vão envidraçado na extremidade da fachada que proporciona uma relação permanente com a paisagem do Tejo tendo outra margem como cenário, fazendo assim da fachada deste edifício um prisma de luz durante a noite e significativo na paisagem da cidade.



54 Secção sobre o auditório



## CONCLUSÃO

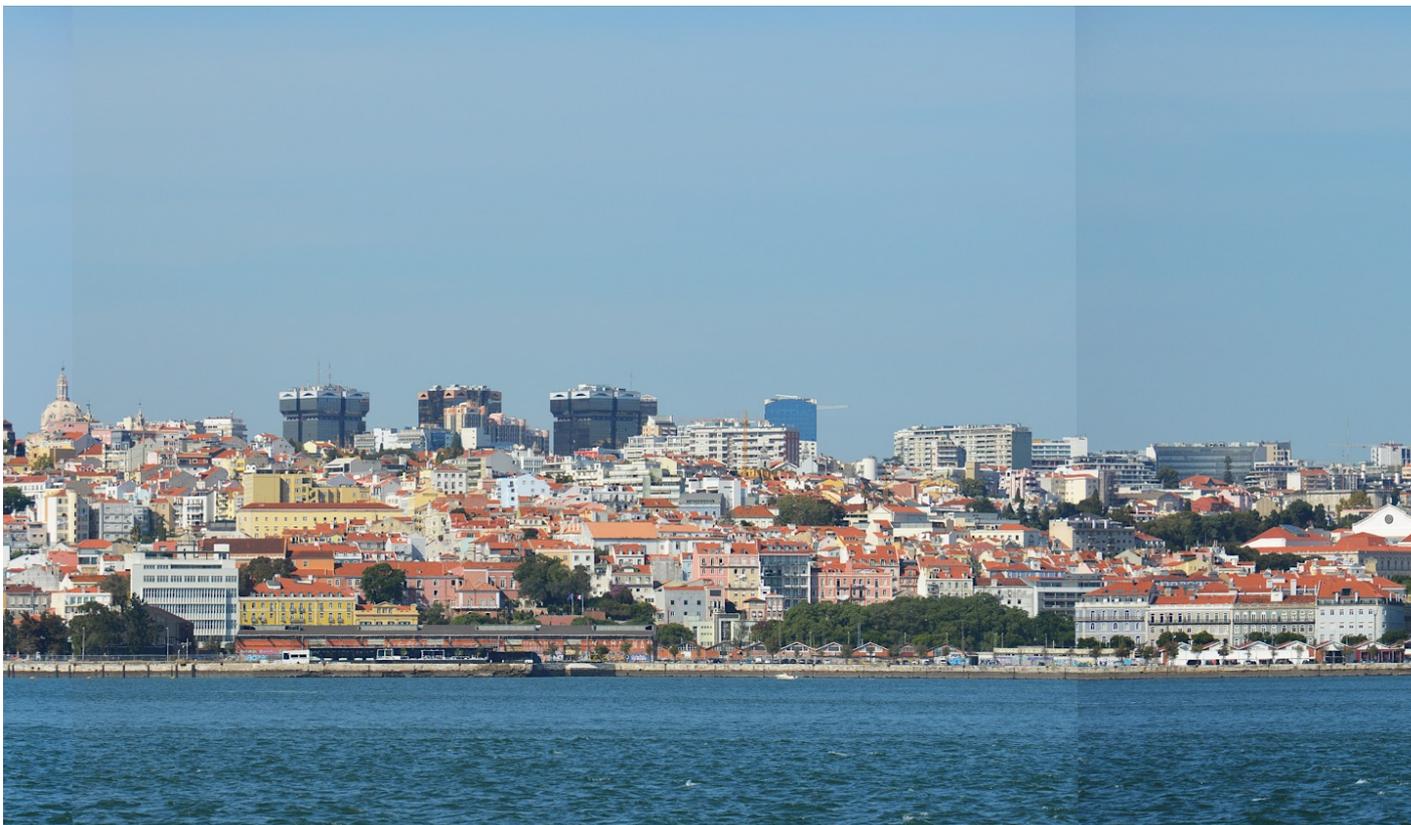
Desde sempre que a água foi e é um elemento fundamental na vida humana, sendo um fator determinante para permanência da povoação e desenvolvimento das urbanizações. Lisboa, não foi exceção, nasceu através da água e cresceu com ela, fazendo do Tejo o símbolo da cidade. Percebe-se no seu contexto histórico que foi fortemente marcada pela relação de ambiguidade entre os dois.

Projetar para a cidade de Lisboa, requer desde logo o estudo e entendimento da sua relação com Tejo, e desta maneira, tentar reacender a história da cidade com a água, sendo o espaço um articulador de tempos, culturas, épocas e tradições, é evidente o seu papel impulsionador para a prática da arquitetura, que até mesmo quando esquecidos, existe vida entre estes espaços.

Um lugar entorpecido, mas completo de história, que através do desenho proposto, tem a aptidão de transformar as relações estruturais à escala da cidade, encontrando modos de cruzamento entre a malha urbana e a frente de água. Pretende-se, portanto, aproveitar este lugar de oportunidades e celebrar o que ele tem de melhor a oferecer.

Deste modo, a proposta manifesta, desde a fase inicial, um fascínio pela possibilidade de desenvolver um projeto que procura crescer a volta do rio, apresentado por uma reflexão evidente quanto à sua compreensão do lugar em duas escalas: a primeira reflete-se em Lisboa como território, através do estudo sobre quinze edifícios na frente ribeirinha, onde se percebe a importância deste conjunto como estruturador da cidade na sua frente de água, sendo palco das mais diversas atividades para dinamizar a cidade; a segunda escala como: Lisboa, na dimensão do objeto de estudo, através do Aterro da Boavista que parte da oportunidade de recuperar e preservar o passado, num processo de consciencialização do espaço, através do imaginário, num futuro de relações entre o homem e o rio.

Perante o local de intervenção para a proposta de projeto, entrou a necessidade de perceber o que este poderia ser. Foi então aprofundado um conhecimento da identidade do lugar enquanto espaço estimulador para a prática da arquitetura através de três motes estruturadores do pensamento deste projeto: o conceito, o desenho e o programa, enquanto meios de organização e desenvolvimento do espaço. De modo a reabrir a janela sobre o Tejo e recriar a ligação outrora perdida com a água. Para concluir, a resolução das questões do lugar enquanto projeto surgiram, na proposta apresentada, como uma consolidação de um conjunto de operações ponderadas e estudadas com o propósito de qualificar a intervenção na medida em que esta fosse capaz de responder às necessidades estabelecidas pelo lugar, mantendo o Tejo como símbolo mobilizador de atividades administrativas, sociais e culturais.



55 Vista sobre Lisboa, Adaptado de David Carvalho, Laboratório Lisboa e o Rio (2021)





## BIBLIOGRAFIA

**AAP**, BRANDÃO, Pedro, JORGE, Filipe - Lisboa, a Cidade e o Rio - Concurso de ideias para renovação da zona ribeirinha de Lisboa. Lisboa, 1988.

**APL** - Plano de Melhoramentos do Porto de Lisboa, Administração Geral do Porto de Lisboa, Lisboa: Ed. Tipografia portuguesa, 1948.

**BRAGHIERI**, Gianni - Aldo Rossi: Works and Projects. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1993.

**CAETANO**, Carlos - A ribeira de Lisboa na época da expansão portuguesa (séculos XV a XVIII). Lisboa: Pandora, 2004.

**CARDOSO**, Joana Gomes et al. - Futuros de Lisboa. Lisboa, Museu de Lisboa: EGEAC, 2018.

**CARRILHO DA GRAÇA**, João Luís - Plano de Pormenor, Aterro da Boavista Poente. Lisboa: CML, 2017.

**CML** - Plano Geral de Drenagem de Lisboa 2016-2030. 2015. Disponível em: [bit.ly/3FKGwZm](https://bit.ly/3FKGwZm)

**DIAS**, Manuel Graça et al. - Centro Cultural de Belém. Lisboa: RTP 2, 1994 (26min.). Disponível em: [bit.ly/3DGS3qW](https://bit.ly/3DGS3qW)

**FERNANDES**, Lúcia - Capitel das Thermae Cassiorum de Olisipo. Vol. 12, nº2. Lisboa, 2009. p. 191-207.

**FRAMPTON**, Kenneth - Vilanova Artigas and the School of São Paulo. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2010.

**FRATICELLI**, Bárbara - La Imagen de La Ciudad de Lisboa: entre lo Real y lo Imaginario. Madrid, Universidad Complutense de Madrid, 2001. p. 17.

**JOHNSON**, Christopher - A biographical Fragment. Nova Iorque: Cornell University Press.

**IPCC** - Climate Change 2014: Impacts, Adaptation, and Vulnerability. Contribution of Working Group II to the Fifth Assessment Report of the Intergovernmental Panel on Climate Change. Geneva, IPCC, 2013.

**KULP**, S.A, **STRAUSS**, B.H - New elevation data triple estimates of global vulnerability to sea-level rise and coastal flooding. 10. Nature Communications, 2019. Disponível em: [go.nature.com/3AErGQg](https://go.nature.com/3AErGQg)

**Laboratório Lisboa e o Rio**, (a) (coord. Madeira da Silva, T.)  
Frente Ribeirinha de Lisboa. Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021. Lisboa: Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, CRIA- Iscte, DINÂMIA'CET-Iscte. 2021.  
Disponível em: [bit.ly/3xqoaJm](https://bit.ly/3xqoaJm)

**Laboratório Lisboa e o Rio**, (b) (coord. Madeira da Silva, T.) -  
Zona Ribeirinha de Lisboa: Atlas Visual Infinito. Lisboa: Iscte - Instituto Universitário de Lisboa, CRIA- Iscte, DINÂMIA'CET-Iscte. 2021. Disponível em: [bit.ly/3lch9gK](https://bit.ly/3lch9gK)

**LOPES**, Diogo Dias Marques - A construção da frente ribeirinha de Lisboa: dois casos exemplares. Dissertação para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura, Universidade Lusíada de Lisboa, 2015.

**PALMA**, Rui, **TELLES**, Gonçalo Ribeiro - Expo 98. Lisboa: RTP Memória, 2008 (32min.). Disponível em: [bit.ly/3mOhTCn](https://bit.ly/3mOhTCn)

**PORTAS**, Nuno - Água – Cidade e Frentes de Água. Porto, FAUP Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, 1998.

**PORTO EDITORA** - *utopia* no Dicionário infopédia da língua portuguesa. Porto: Porto Editora. Disponível em: [bit.ly/3mL5Y8t](http://bit.ly/3mL5Y8t)

**RAHMSTORF**, Stefan - Global Sea level linked to global temperature. Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America, 2009.

Relatório da “epidemia de febre amarela em Lisboa no anno de 1857”, feito pelo Conselho Extraordinario de Saude Publica do Reino, Lisboa: Imprensa Nacional, 1859.

**RIBA & ICE** - Facing up to rising sea levels: Retreat? Defend? Attack? 2009. Disponível em: [bit.ly/2YPofcA](http://bit.ly/2YPofcA)

**SALGADO**, Manuel - Entrevista a Manuel Salgado. Lisboa: RTP 2, 2001 (48min.). Disponível em: [bit.ly/3AI9B3M](http://bit.ly/3AI9B3M)

**SARAIVA**, José Hermano - Lisboa, do passado ao futuro. Lisboa: RTP 2, 2008 (25min.). Disponível em: [bit.ly/3BBevRx](http://bit.ly/3BBevRx)



## ANEXOS

### CAMPANHA “SALVAR O FUTURO” (MAIO 2021)

No contexto coletivo de turma, e paralelamente a investigação e realização dos *e-books*: “Frente Ribeirinha de Lisboa. Edifícios e Espaços Públicos Contemporâneos 1991-2021” e “Zona Ribeirinha de Lisboa: Atlas Visual Infinito.”, surgiu a oportunidade de participar e refletir sobre as ações necessárias perante as alterações climáticas, nesse enquadramento, através de uma iniciativa da Universidade Coimbra, no âmbito da campanha “Salvar o Futuro”, foram realizadas soluções que incentivem e promovam os 17 objetivos de desenvolvimento sustentável criados pela organização das Nações Unidas.<sup>36</sup>

Face a estes propósitos, foram desenvolvidas, propostas que iam de encontro com dois dos objetivos de desenvolvimento sustentável propostos pela campanha, nomeadamente: Ponto 11 – Cidades e Comunidades Sustentáveis e o Ponto 13 – Ação Climática.

No decorrer da investigação sobre a frente ribeirinha de Lisboa, foi importante perceber a sua suscetibilidade perante a subida do nível da água do mar, como consequência da crise climática. Onde num horizonte de 80 anos, até 2100, é prevista a subida das águas entre 84 cm e mais de 2 metros no pior das hipóteses.<sup>37</sup>

Nesse sentido, foram apresentadas diversas propostas para o local de intervenção em estudo, nomeadamente o Aterro da Boavista, em busca de soluções que possam prever e reduzir este impacto climático, o objetivo das soluções passam essencialmente por conciliar reflexão de planeamento urbano associado as frentes de água. Através de estratégias de intervenção como: recuar – e permitir a inundação de certas áreas e transferências planeadas do edificado; defender – pelo meio de criação de uma barreira de modo a subida da água não se tornar uma ameaça; e atacar – com a utilização de estruturas flutuantes ou palafitas, originando um avanço sobre a água.<sup>38</sup>

**36.** 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Disponível em: [ods.pt](https://ods.pt)

**37.** “A subida do nível do mar, um perigo real para o nosso futuro?”  
Disponível em: [bit.ly/3mOvBVT](https://bit.ly/3mOvBVT)

**38.** RIBA & ICE - Facing up to rising sea levels: Retreat? Defend? Attack?.

**O PROBLEMA, O LOCAL E AS PROPOSTAS**

Em resposta ao desafio proposto pela Universidade de Coimbra, no âmbito do Concurso "Salvar o Futuro" apresentamos um conjunto de propostas construtivas para a zona do aterro da Boavista, na frente ribeirinha de Lisboa que pretendem mostrar soluções de prevenção, adaptação e redução do impacto da subida das águas do mar.

Por ser um dever, enquanto futuros arquitetos, refletir sobre as consequências da subida do nível das águas do mar nas cidades ribeirinhas é também nossa incumbência propor medidas que reduzam os custos económicos, sociais e ambientais excessivos para as gerações atuais e futuras. (Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas).

Apresentamos um conjunto de propostas urbanas para o aterro da Boavista em Lisboa desenvolvidas, no âmbito de Projeto Final de Arquitetura (2020/2021), Laboratório Lisboa e o Rio), do Mestrado Integrado em Arquitetura do ISCTE-IUL, Instituto Universitário de Lisboa, tendo como ponto de partida um conjunto de pressupostos, entre eles, a constatação de que em 2100 o rio Tejo, nesta zona da cidade, subirá cerca de 1 metro em relação ao nível atual (CML, 2012), o que causará danos substanciais na linha de costa atualmente já bastante ocupada.

As propostas visam colmatar alguns problemas enunciados nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, incorporando soluções como: a) dar continuidade aos sistemas de transportes existentes de modo seguro, acessível e sustentável, b) criar espaços urbanos inclusivos e sustentáveis, c) proteger e salvaguardar o património cultural e natural da zona ribeirinha e d) proporcionar o acesso universal a espaços públicos seguros inclusivos, acessíveis e verdes.

ALMADA

0 500 1000 2000 m

**01** 2020/2021  
Projeto Final de Arquitetura  
Laboratório: Lisboa e o Rio

**CAMPANHA "SALVAR O FUTURO" (UNIVERSIDADE DE COIMBRA) - OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (AGENDA 2030)**  
**PROJETO FINAL DE ARQUITETURA, LABORATÓRIO LISBOA E O RIO**  
ORIENTADORA: Teresa Madeira da Silva COORIENTADORES: Caterina Francesca Di Giovanni; Pedro Marques Alves

**iscte** TECNOLOGIAS E ARQUITETURA  
Mestrado Integrado em Arquitetura

*Floodings 1945, em frente ao Hospital do Irmão Moura, Lisboa*

*Floodings, Avenida 24 de Julho, 19-11-1945 (CML)*

*Floodings, Rua do Souto, 19-11-1945 (CML)*

56 Pannel de turma. Laboratório Lisboa e o Rio, para campanha "salvar o futuro"



57 Pannel realizado pela autora, com a proposta de projeto. Laboratório Lisboa e o Rio, para campanha "salvar o futuro"



## ANEXOS

### WORKSHOP “FAZ, DESFAZ, REFAZ” (JUNHO 2021)

Através do título da exposição de Louise Bourgeois na Turbine Hall/Tate Modern em Londres de 1999 “*I Do, I Undo, I Redo*” surgiu o workshop com o mesmo nome, no âmbito de um programa intercalar com o percurso da unidade curricular de projeto final de arquitetura, realizado na primeira semana de junho, com todo o coletivo de estudantes de 5º ano de 2020/2021, juntamente com atelier José Adrião Arquitetos. Os alunos das cinco turmas foram divididos em dez grupos, onde aleatoriamente através de cinco obras do Atelier surgiria uma investigação e troca de programas entre os mesmos, nomeadamente:

- 1.Casa Fernando pessoa – Programa Cultural
- 2.Casa dos Prazeres – Programa Habitação Unifamiliar
- 3.Praça Fonte Nova – Programa Espaço Público
- 4.Douradores – Programa Habitação Coletiva
- 5.Escola 36 – Programa Educação

Nesse sentido, houve oportunidade de trabalhar sobre a casa Fernando pessoa, onde o ponto de partida foi perceber a contextualização do projeto bem como uma pequena investigação para conceito do novo programa escolhido.

O edifício foi construído em 1895, como habitação coletiva, fazendo da estratégia de expansão da cidade de Lisboa no final do século XIX e inícios do século XX. Especificamente para o plano de Campo de Ourique, contemporâneo do plano das Avenidas novas, ambos promovidos pela administração do engenheiro Ressano Garcia.<sup>39</sup> Em 1910, sofre uma alteração, uma pequena expansão lateral, cozendo com o edifício do lado.

Fernando Pessoa vive no edifício entre 1920 e 1935, nos últimos 15 anos da sua vida, que motiva uma alteração profunda em 1993, por parte da arquiteta Daniela Ermano, transformando-se no espaço museológico, em que se torna a

**39.**Casa Fernando Pessoa.  
Disponível em: [bit.ly/3lFNois](http://bit.ly/3lFNois)

assim a Casa Fernando Pessoa. E em 2019 a 2020, o Atelier, José Adrião Arquitetos reabilita o espaço museológico e cultural da casa, criando aquilo que conhecemos hoje em dia.<sup>40</sup>

Em 2021, neste contexto cronológico, a estratégia para intervenção passou por retomar a função inicial do edifício, ou seja, a de habitação coletiva, compreendendo sempre o facto excecional de que o poeta Fernando Pessoa viveu nesta casa e que a singularidade desta figura poderia redefinir este espaço.

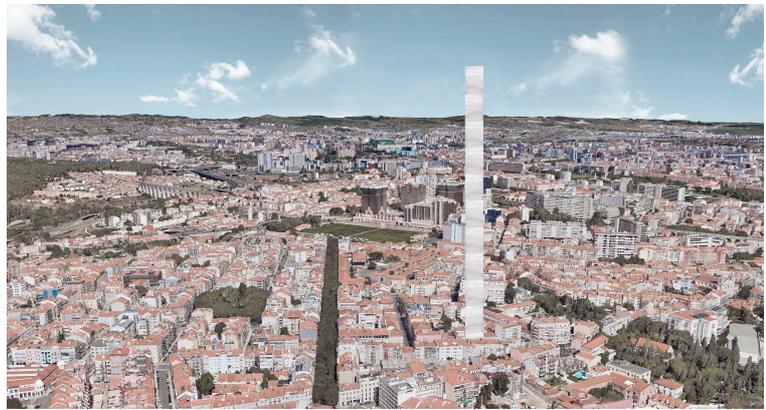
Os heterónimos e semi-heterónimos, são uma característica incontornável da sua obra, 170 conhecidos e estudados, outros tantos por descobrir, para isso surgiu então, numa habitação que pudesse responder a este número de habitantes, argumentando sempre que, se Fernando Pessoa viveu nesta casa, 170 pessoas já viveram nesta casa, só que de forma diferente. Rapidamente foi evidente a dimensão utópica desta intervenção, que surgiria como um sonho, e devido à dimensão do lote, se tornaria inevitável a construção duma torre, que não só precisaria de ser alta, de forma a englobar os 170 pessoas, ou seja 170 fogos, mas também precisaria de não ter fim, que pudesse perdurar e que continuasse a ser construída à medida que se fosse descobrindo mais heterónimos, e que, de certa forma, correspondesse à imaginação imensurável de Pessoa.

Desta forma, foi preciso assumir o futurismo da proposta, que apesar de parecer provocatória na sua inserção urbana no contexto imediato do Bairro de Campo de Ourique e na própria escala da cidade, reflete sobre a possibilidade da expansão da cidade no seu território como algo que tem um limite e que no fundo, a cidade no futuro, pode ser uma construção por camadas de história, tal como tem sido até hoje, em Lisboa.

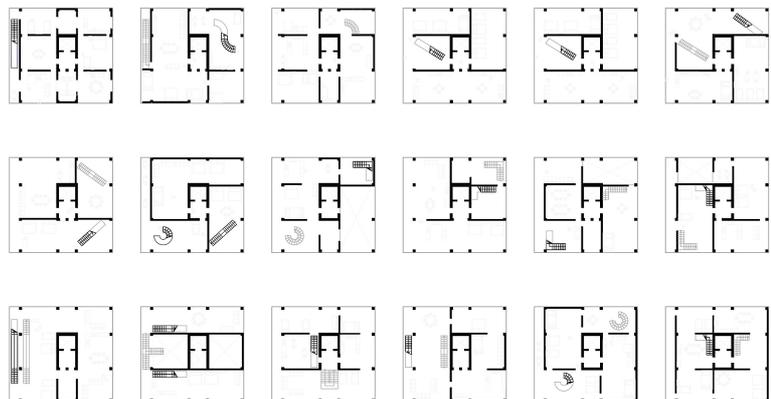
A premissa partiu de deixar a pele da Casa Fernando Pessoa, removendo a sua cobertura e acrescentando a estrutura da torre, sendo que ao manter a fachada mantém-se uma continuidade com rua, e a quebra começaria no nível acima do edificado atual, com a inserção dos fogos.

**40.** José Adrião Arquitetos.  
Disponível em: [bit.ly/3p04Jot](https://bit.ly/3p04Jot)

O bloco central foi o núcleo estrutural da torre, em que a partir dessa estrutura foi definida uma matriz rígida, que se desenvolve as tipologias das habitações, com algumas regras de vãos e divisórias. Entrou então a ideia da possibilidade utópica de os heterónimos de Pessoa habitarem o espaço e de estabelecerem um diálogo entre si, remontando para uma ideia de ser uma torre para um homem, que a percorria sozinho e que o espaço se moldava a ele. A partir desta métrica, era igualmente possível, fechar estes espaços, e o da circulação ser interna dentro duma habitação, ou de ter acesso ao núcleo central tornando-se coletiva, criando uma transformação contínua do edificado através da matriz, em que, a distribuição das tipologias e as diferentes circulações, são envolvidas por uma pele interior que filtra a entrada de luz dentro das habitações duma forma tradicional de vão, e uma pele exterior que, através da sua materialidade translúcida, consegue proteger os espaços mais amplos e atribuir-lhes alguma privacidade.

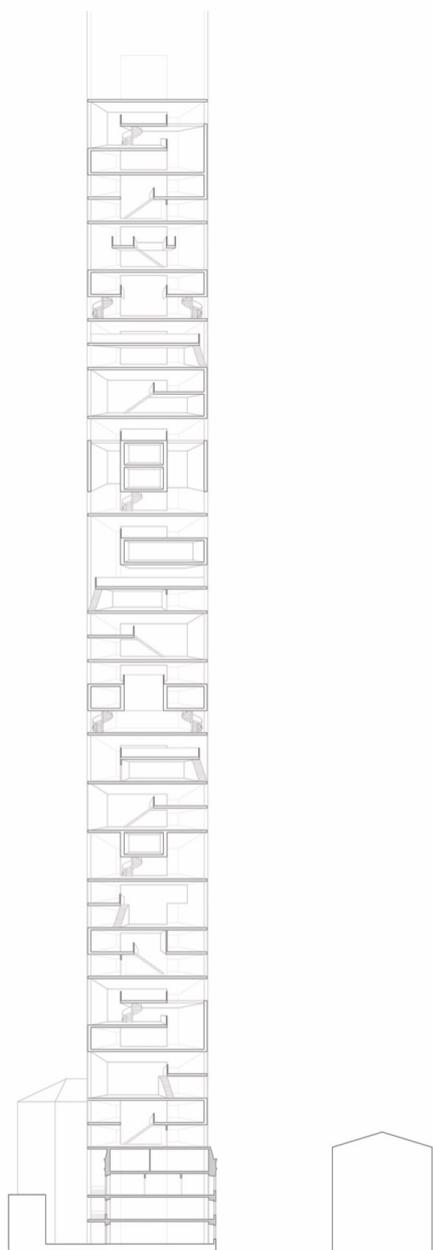


58 Vista da torre sobre a cidade



59 Estudo de possibilidade de tipologias

O edifício termina num coroamento que não tem fim, em que a pele exterior continua simbolizando a ideia da torre infinita, criando sempre no último piso um miradouro para a Lisboa de Fernando Pessoa, os sítios que percorreu, as outras casas onde viveu, uma vista para o horizonte como apelo à distância, ao desconhecido.



60 Secção sobre as tipologias





**OBRIGADA**